

BOLIVIA:
difícil de entender,
imposible de olvidar

ENSAIOS REUNIDOS
CSD - 2ªEM - 2017

Bolivia: *difícil de entender, imposible de olvidar*

ensaios reunidos

2017

Capa: Laryssa Menezes

Projeto Visual/Design Gráfico: Priscilla Nannini

Seleção dos textos: Alexandro Pereira

Organização: Luís Fernando Weffort

Fotografia: alunos 2º ano Ensino Médio

Índice

Projeto de um prefácio - Luís Fernando Weffort	4	Como o ambiente boliviano representa as ideologias	
Nosso propósito de ir a campo - Luís Fernando Weffort	6	de seus habitantes - Gabriel Luiz Maldonado	38
Inquietação viajante - Silvio Barini Pinto	7	A Bolívia vista por fora - Marily Cordeiro	39
A Bolívia & a transcendência - Daniel Souza	8	Evo-si (?) - Raquel Rodrigues	40
Voltar à Bolívia - Fernanda Sampaio.....	10	O mar leva o dinheiro - Henrique Serson	41
Bolívia o coração de Abya Yala - Alexandro Pereira.....	11	A exploração dos animais de carga na Bolívia - Lola Costi Martín.....	42
A Bolívia no céu - Raquel Ruiz Valença	12	Bolívia um país lindo apesar das guerras - Josias Nishimoto.....	43
O misticismo dos ventos - Catarina Couto.....	14	Reflexão boliviana - Gustavo Marques	43
Nas ondas do mar (in)existente - Maria Clara Lourenço Franzini.....	16	A cicatriz pulsante deixada no coração da Bolívia - Pedro Ramos de Lemos.....	44
Coiores - Clara Tronca.....	18	Corpo quente, mente fria - João Felipe Calvo	45
Te mostra, Bolívia - Maria Clarice Prata.....	19	Teleférico – espaço físico e de reflexões - Lucas Ferreira	46
Descolonize-se - Isabella Sena.....	19	Bolívia através de meus olhos - Ana Clara Faustino	47
Bolívia e seus passageiros - Maria Eduarda Costa Martins.....	20	Era uma vez na Bolívia - Tainá Corabi	48
Imposible de olvidar - Ana Lia Lemos.....	21	Tipnis - Marina Sabatino.....	49
Bolívia cambia. Evo cumple? - Gabriel T. Faccin	22	Bolívia, setembro de 2017: minha experiência - Liam Gunn	50
Tiahuanaco - Bento de Valentim Dias.....	23	Um povo sem pernas, mas que caminha - Tainá Venturi	51
Do silêncio que as pedras mantêm - Sofia Costabile	24	Os vestígios do olhar ao céu pré-colombiano - Tomaz Heizenreder...	52
Um país de luta - Amanda Vannuchi	25	Mais do que uma gastronomia - Nicolau Vergueiro Talocchi	53
“Descolonização do estado” - Bruno Sanches	25	A formação da Bolívia: dos tiwanaku a Evo - Sofia Pavani.....	54
Makhataña - Pietra Ribeiro Paulino.....	26	Mi primera inmersión en la Bolívia - Luiza Yoshida	56
Cultura - Laryssa Menezes.....	27	“Evo si!” - “Evo no!” - Renan Pesciotto.....	57
Bolívia uma nação de diversidade - Ana Clara Rodrigues.....	28	Bolívia: uma rede tecida por perdas e fragmentos - Júlia Salvan	58
Estado plurinacional da Bolívia - Bento Idemori	28	Caos - Cecília Sampaio de Burgos.....	60
As controvérsias da nossa querida Bolívia - Bruno Fadiga.....	29	A paz - um mundo novo - Gabriel Ferreira de Bovi	61
Soy loco por ti Bolívia - Dora Perelmutter	30	Ajuya - Isabela Negrão.....	62
Latino-americanos - Marília Oliveira Peceguini	31	A sociedade da desigualdade: um relato sobre	
Bolívia e suas curiosidades - Bruna Ribeiro	32	as diferenças sociais na Bolívia - Rafaela Brandi Matos.....	64
Bolívia: direitos em conflito, avanço ou retrocesso? - Luisa Turna.....	34	Ensaio - Giovana Angelucci.....	65
Liberdade, independencia e perda - Julia Micheski Ferreira	35	Bolívia como plurinacional - Bruna Luraschi.....	66
Bolívia: passado conturbado, futuro incerto - Helena Gebara	36	No meio do caminho tinha uma pedra - Aurora Bolaffi Pires.....	68
Um novo olhar - Carolina Dantas	37	A situação política atual - Vitor Citro.....	69
Evo morales e suas políticas - Amanda C. Furtado	37	Evo Morales, legítimo? - Luigi Gammardella	70

PROJETO DE UM PREFÁCIO

Nunca julguei que fazer o prefácio de um livro me traria tanto revés filosófico-literário. À primeira vista, confesso, pareceu-me algo trivial. Afinal, toda publicação há de ter as suas razões. Bastaria apresentar as nossas e, pronto, teríamos um prefácio!

Mas, definitivamente, não tenho talento para escrever em linha reta. Por mais esforços que dedique a este intento, o pensamento me sai torto. E cá estou, nos labirintos de **Chronos**, a dar voltas com a razão.

Nos meus devaneios de objetividade, pareceu-me suficiente, por um breve momento, esclarecer ao leitor que este livro foi concebido dentro de um contexto escolar, com uma finalidade predominantemente pedagógica, que os conteúdos aqui publicados, na sua quase tota-

lidade, são de autoria de alunos da 2ª série do Ensino Médio do Colégio São Domingos, *etcétera* e tal. Todavia, tais contornos, com seus possíveis acentos acadêmicos, por mais justos e adequados que sejam, não dão conta dos propósitos deste projeto de prefácio.

A singularidade desta publicação exige-me uma lógica diversa.

Imbuído deste propósito, ousei dizer que publicamos aqui não exatamente os resultados das pesqui-

sas acadêmicas de nossos alunos, mas fragmentos de suas vidas, seus ensaios de existência e suas estratégias de resistência. A despeito de todos os idealismos, romantismos e utopias; das imprecisões conceituais, dos exageros semânticos e dos prováveis erros gramaticais; recolhemos nesta obra, os esforços literários de nossos alunos para compartilhar a densidade de uma experiência educativa que, tomando como objeto de estudo e investigação o Estado Plurinacional da Bolívia,

os mobilizou para além dos muros da escola e das disciplinas escolares. Experiência esta que ganha, evidentemente, cores variadas e acentos distintos com o 'impossível de olvidar' estudo de campo realizado em **La Paz, Tiahuanaco, Copacabana, Isla del Sol e Isla de La Luna**.

Esta obra resulta, portanto, de um genuíno esforço e desejo de dar voz a esta experiência, para que a poeira do esquecimento não encubra o itinerário de nossos passos.

Luís Fernando Weffort

*“Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
(...) Por guardar-se o que se quer guardar.”*

Antônio Cícero

NOSSO PROPÓSITO DE IR A CAMPO

Luís Fernando Weffort

Crucial para o desdobramento prático dos propósitos educativos defendidos pelo Colégio São Domingos é a adoção da *investigação* como método de aprendizagem. Para que haja um processo verdadeiramente investigativo é necessário que os *problemas* não estejam resolvidos de antemão, nem as questões respondidas *a priori*, caso contrário, torna-se um mero artifício retórico para a confirmação de um saber que já se tinha como certo antes mesmo da investigação ser concluída. Esta suspensão da certeza nos convida a ensaiar o pensamento, a especular ideias, a confrontar hipóteses e a andar por sendas desconhecidas. E, na condição de educadores, é este o ponto que nos interessa.

É dentro desta perspectiva que temos nos lançado, com grande ousadia e liberalidade, aos *estudos de*

meio. Não para constatar ou comprovar *in loco* as notícias que nos chegam de livros e revistas especializados, mas para ampliar e problematizar, com os dados da experiência, as discussões históricas, científicas, estéticas e filosóficas que os temas investigados ensejam. Sem esta imersão no universo da experiência, os conceitos (e os conteúdos que simbolizam) pairam desencarnados na letra dos livros, ou fixados na lógica interna de sua definição, mas não nos afetam como conteúdos de experiência.

Isto faz com que o nosso propósito de ir a campo ganhe, por um lado, maior dinamismo e autenticidade; e, por outro, marca o acento que queremos dar à investigação em detrimento do ensino das coisas conhecidas.



INQUIETAÇÃO VIAJANTE

Calma alma minha, calminha, você tem muito que aprender.
Zeca Baleiro

Silvio Barini Pinto

Se perguntado sobre os rumos que deveríamos dar à educação atual, diria em poucas palavras que é preciso provocar-nos e aos alunos com problemas autênticos presentes no enredo complexo em que atuamos e chamamos de realidade, problemas que apenas seremos capazes de construir conceitualmente se adotarmos abordagens múltiplas – condição para que os estudos adquiram significados, para que os investigadores alunos e docentes sintam-se neles concernidos e levem a sério a prática de investigação.

Dessa forma a educação se escora na experiência e se transforma em cabedal existencial, cultiva repertório de coisas vividas, com sentidos, por sujeitos que buscam dar sentidos a suas vidas.

Lógico que a escola com sua linguagem própria, sua tempo-

ralidade específica e a suspensão que essas particularidades proporcionam em relação às urgências (artificiais?) que nos solapam cotidianamente é o lugar mais adequado para a prática desse tipo de educação. E é nela, escola – quando adota essa concepção de educação – que são originadas as necessidades de ir a campo com os alunos. E é para ela, escola, que retornam investigadores alunos e docentes para processar os deslocamentos que a experiência de campo proporcionou. Deslocamentos que não acontecem somente em suas análises, na confirmação ou descarte de suas hipóteses, ou na erupção de novas questões instigantes. Destaco as mudanças que se instalam neles mesmos, sujeitos que se lançaram ao mundo com a ousadia e a coragem para permitir que a mundanidade os atravessasse, que o ines-

perado os desconcerte para daí refazer as referências que até então orientavam suas ideias, mas sobretudo repensar a condução de suas vidas e de suas sensibilidades. Não são os sujeitos que adquirem conhecimentos. Não são os professores que lhes oferecem conteúdos. São as subjetividades em jogo na dinâmica de investigação que se transmutam em sujeitos-conhecimentos. Isso é pulsante! Esse desígnio é utopia realizável. A presente publicação testemunha sua viabilidade e encoraja-nos a perseguir o risco que envolve. Viver sem correr riscos não é parte de nossos propósitos educativos. Aliás, seria receita para viver sem ânimo. O mundo merece um pouco mais de ânimo. E de calma. Só assim corações e mentes se elevam e terão o que narrar para as demais gerações.

a bolívia & a transcendência

**daniel souza,
professor de filosofia**

el limite.

tengo miedo rotundo a la mirada
a decir mirando.
miedo de salir de mis propios ojos
hacia una ventana abierta
al recuerdo de mi misma.

(adriana lanza, *primer alumbramento*)¹

fizemos mais um estudo de meio. oito dias entre la paz, copacabana e *isla del sol & de la luna*. vivemos uma bolívia-labirinto. mítica. profunda. enigmática. uma experimentação com deslocamentos caóticos. ônibus seguindo em círculos, em vielas e traçados não esperados. estradas no não-lugar das cidades. nós - em labirintos - tentando narrar uma bolívia imprevisível que brotava nas *grietas*, nas fissuras de nossos conceitos e esquemas, de nossas ideias e intenções. bolívia em nossa pele. superfície de rachaduras.

os puros & limpos sujeitos do mundo da “clareza e distinção” se incomodariam facilmente. é mais difícil enquadrar a bolívia no jogo do separar para interpretar, classificar, conhecer, dominar. ela vaza. vivemos uma bolívia-mistura. lambuzada. em cada canto: incerteza, contradição, resistência, desigualdade, violên-

cia, festa, protesto. cotidiano atravessado pelos mistérios. *pachamama*. um país transmoderno. cidade-campo-cidade. progresso arcaico. futuro ancestral. *aymara*. *quéchua*. *guarani*. zona sul *castellana*.

bolívia aqui & lá. no centro de são paulo, na praça kantuta, na rua coimbra. escrava. violentanda. clandestina. corpos resistentes para além do esquema capital-trabalho. imigrantes com modos de viver e habitar a cidade reinventados. corpos deslocados na arena cosmopolita da são paulo cinza de (quase) todas as gentes. el alto & zona leste.

vivemos uma bolívia-de-*cholitas*. no chá, no *câmbio*, nas compras. saberes ancestrais. a isla de la luna como casa do saber (*yachay wasy*), como casa de mulheres. saber-fazer. saber-agir. saber-prazer. saber-cuidar umas das outras, uns dos outros. ser na natureza. ser natureza. ser em comunidade. e o indivíduo? borrado, despersonalizado, abandonado. *isla de la luna* e um pensamento mítico para se investigar, para narrar, para experimentar o céu&terra. sabedoria para alar-

gar mundos. aqui, a noção de família (*aymara*) se amplia: são os ancestrais, o vento, o lago, as árvores, a lhama, os filhos, os netos.

ao se enveredar pela bolívia, tínhamos o desafio de buscar outros saberes para deslocar a própria filosofia. descolonizar o conhecimento. desobedecer. assumir-se nômade no deserto para além da filosofia *do mesmo*, da filosofia europeia em seus traços coloniais de “encobrimento do outro”. outros modos de fazer, de dizer, de habitar o mundo.

nesse movimento, “descolonizar o estado” foi uma porta para a bolívia. uma escolha para olhar o *estado plurinacional*, com democracia representativa & democracia comunitária, desenvolvimento & bem viver. o dilema atual está na mesa: a *carretera* em Tipnis. contradições e dilemas do atual projeto político boliviano. o que vem pela frente?

talvez, por fim, a experiência do deslocamento (existencial & territorial), provocada pelo estudo de meio na bolívia, tenha nos colocado diante das nossas

fronteiras. um estar no limiar. estar diante da *transcendência*. não no fora-mundo. transcender como estar/existir para além do nosso limite. permitir-se estar *fora*. no outro corpo, na outra carne, no outro território, na outra língua. toque. palavra. *afecto*. som. a transcendência da pele – nossa&outra – vivida na bolívia mítica de nossas memórias. mesmo com os medos e os desejos de segurança, fomos empurrados para “sair dos próprios olhos”. mistério.

¹adriana lanza é professora da escola *yachay wasy leonardo da vinci*, colégio que visitamos durante o nosso estudo de meio na cidade de la paz.



VOLTAR À BOLÍVIA

Volto à Bolívia não mais como a jovem estudante que deixou a ditadura agonizante do seu país para se deparar com outra, ainda inequívoca em fardas, fuzis e miséria. Volto à Bolívia não mais acompanhada dos sonhos e planos sem planos de um futuro por vir, mas dos frutos destes 33 anos que me separam da jovem que fui.

Filhos e alunos. Meus frutos. No Altiplano, passado e presente se fundem ao ar seco que fere minhas narinas e queima meus pulmões. A juventude da mãe e da filha se mesclam entre as lãs e cores das ruas íngremes e do ar rarefeito. A alegria dos alunos perfura os tímpanos e penetra o coração que já foi jovem.

O azul do céu e o branco da neve, a água do lago e o reflexo da montanha me recebem imensos, intensos. E me abraçam. Sol e lua são ilhas que me lembram do quanto nos distanciamos: eu e a jovem, homens e mulheres, povos, países, amigos. Polos distantes.

Mas na caminhada da aurora, Lua e Sol compartilham o céu por alguns instantes. A luz de um, por momentos, não extingue a claridade da outra. Os dois se derramam por sobre as ruínas e convivem amenos no



céu do topo do mundo. Por alguns instantes. Cada um com seu brilho.

Em 1984, meu mundo se abria para as possibilidades da liberdade, do afeto, da democracia e da experiência. A América da

Fernanda Sampaio
English teacher

Bolívia e do Brasil sonhava com o aliviado respiro que exalam décadas de pranto aprisionado. A jovem estudante sonhava com o mundo e a Bolívia foi sua porta de entrada e de saída, seu espelho mais convexo, seu primeiro outro.

E agora, 2017, o mundo é outro e busca respostas a perguntas que ninguém formulava, mas que já geravam, sem que percebêssemos, o mundo que daríamos à luz e às chamas.

Era com esse filho que sonhávamos? Com este século 21 que já nasceu gritando “decifra-me ou devoro-te”? Era com esse filho desconhecido e estranho que os jovens da ditadura sonhavam?

Não importa. 1984 e a jovem ficaram para trás. Muros caíram e George Orwell nem viu. A jovem seguiu viagem e o mundo mudou. A América da Bolívia e do Brasil mudou. Os polos agora são outros, mas o céu, o lago e o reflexo da montanha permanecem os mesmos.

BOLÍVIA O CORAÇÃO DE ABYA YALA

Alexandro Pereira
Professor de Geografia

Abya Yala significa, na língua do povo Kuna, Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contra-

ponto a América.

Legitimar a ideia de Abya Yala é parte de um processo de construção político-identitário de descolonização do pensamento e de enfrentamento das lógicas globalizantes e neoliberais. Esse é o movimento que tem caracterizado o novo ciclo do movimento dos povos originários.

O coração de Abya Ayla pulsa nas terras de Bartolina Sisa e Tupac Katari. Após quase 200 anos de violência das lógicas coloniais traduzidas em golpes de Estado, perdas territoriais, pobreza e silenciamento dos povos originários, a Bolívia se torna um profícuo laboratório de experiências políticas e sociais. Evo Morales Ayma, quando de sua posse na Presidência da República da Bolívia, em 2006, afirmou que “é preciso descolonizar o Estado”. Intenção e contradição! Avanços e retrocessos, mas acima de tudo movimento! Esse foi o vigoroso laboratório dos estudantes da 2ª Série e nele a possibilidade sempre renovada de se pensar o espaço, razão maior do percurso da investigação geográfica.



A BOLÍVIA NO CÉU

Depois de olharmos a nós mesmos, olhamos o céu, um espelho daquilo que nos rodeia. Nisso, a civilização Tiahuanaca acreditava, nos primórdios do que hoje chamamos de Bolívia. Como muitas outras, essa civilização, há milhares de anos atrás, se questionava sobre como aquilo que era visto no céu afetava o que acontecia na Terra, e após muitos estudos foi concluído que essa relação se dava de forma profunda.

A construção da cruz andina no topo da Pirâmide de Akapana representa muita coisa. Não se olhava diretamente para o céu, apenas para seu reflexo na água despejada na cruz, fonte indispensável da vida na Terra. O céu não era considerado aquilo que lá pairava sobre as cabeças humanas, ele foi trazido para o mesmo chão que elas.

Foi percebido que as estrelas ditavam o clima terrestre, aspecto que determinava prosperidade ou escassez, vida ou morte, alegria ou tristeza,

saciedade ou fome. Nada seria daquela civilização sem o domínio da agricultura. Nada seria da agricultura sem o conhecimento do clima. Não haveria conhecimento do clima sem a orientação daquilo que havia nos céus, do que as estrelas diziam.

O céu diurno era, também, extremamente importante. Foi a partir do Sol que se definiu o calendário dos Tiahuanacos. O momento no qual se vivia era ditado por ele, há algo mais forte do que isso? Um círculo brilhante e caloroso que passava pelos céus todos os dias de formas diferentes revelava quando se estava e até quando se iria. Sua importância era tanta, que ele era louvado como um deus, e o mais importante de todos.

Era por meio do céu que os tiahuanacos se localizavam na Terra. Os quatro pontos cardeais, Norte, Sul, Leste e Oeste, foram definidos a partir da constelação Cruzeiro do Sul, que ficava perfeitamente alinhada com a cruz andina do

topo da Pirâmide de Akapana da qual o céu era por eles observado. Assim, era possível saber perfeitamente para que local do céu se observava a partir da Terra, pois a cruz continha os quatro pontos cardeais.

A cruz andina era, na língua quéchua, chamada de Chakana, vinda de “Chaka” (ponte de ligação) e “Hanã” (alto), era o caminho para o mundo superior e divino, mas é fato que o divino, para os andinos, tinha um significado diferente do que para os invasores cristãos. Seus deuses falhavam, sentiam raiva e podiam se tornar instáveis. Não eram perfeitos. Eram, também, humanos. O fato de ser justo a cruz andina o formato para se olhar para o céu em Tiahuanaco revela muita coisa. Aquilo que estava acima era observado por meio do símbolo que representava o cerne da civilização, contendo nele simbologias das dualidades do humano, dos valores e condutas a serem seguidos, do trabalho, da religião e de mui-

Raquel Ruiz Valença

tos outros. O céu era refletido na Terra, e a Terra, projetada no céu.

O condor protege o puma.

O céu de La Paz é cinza. De noite, poucas estrelas brilham. Não se vê mais o mesmo que viam as civilizações passadas nessa cidade. Lugar marcado por invasões seguidas de violências, que trouxeram uma série de tempestades que cicatrizaram o céu.

Sendo sede de um governo conturbado que passou por centenas de golpes ao longo dos anos, se tornou um espaço de luta, de revoltas e manifestações populares. Houve um tempo sem água suficiente para refletir-se as estrelas. É difícil olhar ao redor em meio a tanto, com o caos da cidade reforçado pelas buzinas e fumaça da enorme quantidade de carros que desesperadamente tentam chegar a algum lugar.

Muros cinzas dividem um espaço colonizado do espaço que ainda carrega as cores da Bolívia. O que estará por trás do véu, também escuro, que cobre o céu de La Paz? É dito que, naquela cidade, quanto mais alto o lugar, mais pobre ele é. Pobre de quê? Vejo um

Sul que encobre todos os resquícios da identidade nacional que, um dia, clareou o céu. Ele está coberto. Nada sobrou. Cada vez mais ao Norte, vão surgindo as pequenas riquezas que restaram, brilhando como as poucas estrelas que começam a aparecer. Do teleférico se vê o quanto a cidade ainda pode brilhar. Uma linha até o céu vem sendo construída.

As diferenças foram encobertas por meio de uma bandeira unificadora. Conflitos deixaram turva e nublaram uma perspectiva de futuro para La Paz, mas as cores de um estado plurinacional são reveladas aos poucos pelas ruas da cidade. Quem sabe um dia o céu azul será constante nesse lugar repleto de contradições?

Na Ilha do Sol, tinta branca foi respingada em uma folha preta à noite. Se vê o mesmo céu que viam os homens e mulheres da civilização Tiahuanaca. Pensar que as mesmas estrelas aparecem atualmente é muito significativo. Lá, o céu que, por milhares de anos, guiava viajantes, determinava os ciclos de colheita e, com isso, mantinha estável a sociedade, continua a ser admirado por aqueles que visitam a ilha.

A tão adorada pelos tiahuanacos água do lago Titicaca envolve a Ilha do Sol, a Ilha da Lua e tantas outras. As estrelas são refletidas. Lá ainda se podem ver traços extremamente marcantes daqueles antepassados que sofreram e foram violentados, mas resistiram, e suas lutas ainda permanecem. Ainda se vê o sorriso da criança indígena, ainda se pode ouvir as histórias aimarás, ainda se respeita os espaços sagrados. Algumas estrelas se foram, mas isso não foge do comum, o ciclo de vida estelar tem um fim, mas novas podem surgir a qualquer momento. O vermelho-sangue do pôr do sol e a luz da Lua são vistos acima, abaixo, e também no horizonte, onde condor e puma correm juntos.

A Bolívia é transição, mudança constante. O céu está sempre lá, sempre esteve, sendo refletido por um espelho abaixo de caos e tranquilidade. Assim, é possível perceber as nuances desse país cheio de pluralidade a partir dele, que esteve sobrevoando essa terra nos momentos sangrentos em que foi tanto a presa que resiste, quanto a predadora ameaçadora.

O MISTICISMO DOS VENTOS

Catarina Couto

Faltava-me ar. Carregando no meu pequeno porte o dobro de peso que ele próprio pesa, faltava-me ar e cada passo se tornava cada vez mais pesado e ainda tínhamos tanto pra subir. A movimentação era equivalente ao de limpar uma casa. O incessante limpar, varrer, bater, lavar, pra no outro dia, ter que limpar tudo de novo.

Quanto mais se subia, mais distante o objetivo final parecia estar.

Salvas as proporções, isso muito me remete ao processo político da Bolívia e de toda a América Latina pós invasão européia, um vaivém de histórica instabilidade política e uma extensa desigualdade social e econômica. Ao estudar a Bolívia, é imprescindível que se exponha as mudanças do governo progressista de Evo Morales, a mudança da constituinte para Estado Plurinacional, a luta anti-imperialista, os acordos com outros países que tinham o projeto de colocar a América Latina como grande, ativa e imponente, o reconhecimento das comunidades indígenas; a dita “democracia comunitária”, a descolonização do Estado e os inúmeros progressos na redução da desigualdade do país, todas as mudanças que um governo plural pode fazer - e faz! com todas as necessárias críticas e ressalvas, é claro. Mas não se pode negar. A Bolívia é outra depois de Evo. Assim como, o Brasil é outro depois dos governos Lula e Dilma. Assim como, todos os países latino-americanos que passaram por governos progressistas nos últimos vinte

anos. Somos outros, ainda precisamos caminhar mucho - e caminharemos!

Mas esse ensaio não busca analisar o fim da Onda Rosa, ou, a solução para o caso de Tipnis. Esse ensaio visa falar sobre algo muito maior: o amor.

Enquanto me faltava o ar, conseguia olhar para meus colegas que, apesar de estudarem juntos todos os dias nunca interagiram da maneira com que se olhavam lá, olhar sobre olhar, se apoiavam, se ajudavam e se movimentavam com uma força cinética em busca de algo maior: o chegar juntos. “Eu carrego um pouco”, “quer água?”, “deixa eu carregar!”, “vamo cantando que melhora”... diálogos assim eram a trilha sonora que me dava força pra continuar subindo. Me vi imersa em uma situação onde o meu fôlego já não era mais meu, mas sim de todos nós. A minha expiração era impulsionada por esse outro que seis dias antes eu mal sabia o nome e que agora, eu já sabia o filme favorito, a cor mais odiada e o personagem de ficção científica favorito. Tentei fuçar na minha memória algo que me fizesse entender o porquê da mudança de comportamento de todos nós, o quê teria nos feito ficar tão próximos, tão unidos, tão juntos. Mistério, pensei. Alana Moraes diria que “o mistério é o sopro de vida de todo acontecimento.” Curioso pensar que voltamos mais vivos apesar dos inúmeros desconfortos, da falta de ar, das diferentes temperaturas e altitudes.

Dado certo momento dessa caminhada, Willy, nosso guia viu minha pálida feição e imediatamente me entregou um punhado de pequenas folhagens, não era coca, nossa famosa protagonista da viagem, ti-

nha outra textura, outro cheiro. E na sua preocupação em me ensinar como expirar aquele aroma, eu vi carinho. A mesma preocupação que via em meus colegas uns com os outros, entre os professores, entre nós e quem nos acompanhava. Respirei e senti um sopro de vida correndo para atingir meu pulmão esquerdo. Outro mistério. Na verdade, aí entendi, como diz Daniel Souza, “a Bolívia nos empurra para viver um materialismo dos mistérios.” Ao longo da viagem, essa ideia de mistério me percorreu inúmeras outras vezes, eu me olhava, completamente à mercê do firmamento, o misticismo dos ventos e me via como uma ferida aberta num outro que nunca conheci. Mas que me reconhecia nas perdas, nas conquistas, nos medos. Mistério do universo isso de reencontrar no ímpeto sonhar do desconhecido os nossos mais íntimos desejos.

Sinto, ao voltar, que perdi a capacidade de escrita.

Por mais que eu tente eu não consigo escrever sobre essa viagem. Não posso retratar em palavras momentos que me transbordaram os olhos, que me encheram o peito, que me fizeram sorrir de borda a borda da bochecha. As palavras, apesar de ser uma real e eterna defensora dela, perderam seu sentido na Bolívia. Escrever sobre o quê vivemos lá torna toda a experiência reduzida e superficial. Nem Drummond, nem Clarice, nem meu favorito Guimarães

conseguiriam ensaiar sobre a experiência de se reconhecer num outro que te reconhece também, de mergulhar nas imagens que tocam, nos rostos que emocionam, nas paisagens que arrepiam, nas histórias que atravessam, nos instantes que se eternizam, nos sons que corrompem. E eu que sempre me reivindiquei nas palavras fiquei inquieta no meu próprio silêncio, na minha exclusiva escuta, sendo guiada pela minha retina e por outra percepção de mundo e de tempo. Isso é dos maiores mistérios. As inúmeras variáveis que nos protagonizam e nos fazem criar formas e jeitos diferentes.

Reconhecer cada Catarina que me compõe ao ouvir a história de um outro indivíduo completamente diferente de mim, mas ao mesmo tempo tão igual.

Não no conceito clichê e raso de “somos todos humanos” que ignora todas as barreiras sociais instituídas nisso. Mas o oposto. Nessa concepção de que somos completamente diferentes, mas compomos lutas iguais. Diárias e equivalentes. E nisso aí também mora a empatia que é um sinônimo de amor, de reconhecimento.

O conceito de família pra cultura aymara, dourada reluzente como o sol que os guia, não é só papai, mamãe, titio, irmão e irmã. família é o vento, é a grama, a água, a vó. É a comunidade, é o vizinho, é o erro próprio, o acerto do outro. Família somos nós. Eu existo, porque você existe e, juntos de todos os elementos



da natureza e do mundo que nos rodeia, nós existimos. Que bonito isso. Eu sou porque nós somos apesar dos sonhos impossíveis, apesar do alastramento cultural de cada golpe, apesar das nossas invadidas entranhas, nós estamos dando finalidade a nossa luta pelo amor e pela nossa própria e exclusiva liberdade, alargando os braços dos ipês, alargando os braços dos jacarandás, atravessando as inúteis fronteiras e fazendo desse mundo a nossa gigante e única floresta latino-americana.

Muitos companheiros de militância insistem em rejeitar o amor no âmbito da política. Não os condeno. É difícil mesmo compreender a política contemporânea como mais um espaço pra reivindicar os amores, os desejos e as vontades depois de tantos golpes, retrocessos e perdas para as lutas sociais. Mas prefiro entender esse espaço como mais um em que devo trazer as paixões que me movem e que me formam como mulher agente combativa para assim envergar a versão mais honesta de mim. Quando se inicia esse debate, gosto de trazer um trecho de *El socialismo y el hombre en Cuba*, onde Che profetiza algo brilhante que gostaria de trazer para essa reflexão “Deixe-me dizer, mesmo com o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar num revolucionário autêntico sem sua qualidade. (...) É preciso ter uma grande dose de humanismo, de sentido de justiça e de verdade para não cair em extremismos dogmáticos, em escolasticismos frios, em isolamento das massas. É preciso lutar todos os dias para que esse amor à humanidade viva se transforme em atos concreto que sirvam de exemplo e mobilize.” (1988)

A Bolívia cravou em mim muitas certezas, saturou dúvidas, reivindicou vontades. É importante passar por experiências como essas depois de passar por muita teoria, debate conceitual e conflitos ideológicos, porque são essas experiências que nos fazem perceber o concreto e o real, nos faz ver por onde percorrem nossos amores e o quanto eles valem nesse mundo. Mistério.

Lutemos, portanto, “por um materialismo do mistério: misterialismos, práticas de atenção do invisível, guerrilhas cosmopolíticas, metafísicas do sensível, não parar de dançar.”

¡Que viva la Latinoamérica!

NAS ONDAS

Nunca ter visto o mar não é algo tão comum. Mesmo no Brasil, que tem a costa leste inteira banhada pelo Oceano Atlântico, muitas pessoas nunca tiveram a chance de ir à praia.

Na Bolívia, o mar era de fácil acesso, até a guerra do Pacífico estourar. Envolvendo o Chile de um lado e Peru e Bolívia do outro, o grande motivo era uma área rica em recursos minerais explorada por empresas chilenas de capital britânico, que ambos, Bolívia e Chile (o Peru sai em apoio da Bolívia, graças a uma aliança entre esses países), queriam possuir. Por fim, a aliança BOL-PER perde a guerra, tendo que ceder parte de seus territórios ao Chile. O Peru teve que ceder a província de Tarapacá e a Bolívia teve que ceder a província de Antofagasta. Essa província era mais do que terra, ela era mar. Então, no fim do século XIX, a Bolívia perde sua saída para as águas salgadas.

O conflito acabou há 134 anos,

DO MAR (IN)EXISTENTE

Maria Clara Lourenço Franzini

mas recuperar o mar é um objetivo que se manterá na vida dos bolivianos até ser alcançado. Esta, aliás, não foi a primeira vez que a Bolívia perdeu território: na verdade, o país já perdeu terras para todos seus vizinhos de fronteiras. Essas perdas significam mais do que enfraquecimento político, significam um enfraquecimento do sentimento de nacionalismo. Por muito tempo, os bolivianos abaixavam a cabeça para estrangeiros, acreditando em sua inferioridade. Mas a perda do mar uniu o país. Diferente das outras perdas, o resgate de Antofagasta é uma questão de justiça para os bolivianos. As pessoas querem seu espaço de volta e vemos isso estampado em vários lugares em La Paz, desde o teleférico até prédios públicos, com a propaganda #MarParaBolivia e #ElMarNosUne. Apesar da desigualdade escancarada no país, esta é, efetivamente, uma luta que o unifica. Logo, a tensão entre Chile e Bolívia é man-

tida, independentemente do presidente no poder. Em 2013, por exemplo, a decisão do governo boliviano de recorrer à Corte Internacional de Justiça para recuperar sua saída para o mar fez renascer esperanças de sua recuperação.

E qual a importância do mar? O que ele tanto significa?

Muitos não entendem essa batalha que ocorre. Temos que olhar para além de questões políticas para entendê-la. O mar é um ecossistema que abriga milhões de vidas. Ele próprio é vida. Na Bolívia, tamanha é a importância do mar que se tem o Museu do Litoral e, mais do que isso, o Hino do Mar. Na realidade, ele se chama “Marcha Naval” e retrata justamente a luta pelo mar e a guerra do Pacífico, afirmando que o mar os levará à felicidade e ao bem-estar, que deve-se levantar a voz para recuperarem o litoral e de como eles têm de vencer essa luta.

Vale lembrar aqui que a concepção de família para os Ay-

maras não se relaciona com nossa ideia de família, aquela de mãe, pai, filhos; para eles, a família é algo muito maior: a natureza, os animais, os amigos, o que está ao seu redor também é sua família. Nesse sentido, o mar também não poderia ser considerado a família que foi tomada dos bolivianos? Ou será que os chilenos sempre estiveram certos?

Lembro-me claramente de quando estávamos na Praça Murillo, em La Paz, dois dias antes do jogo Bolívia x Chile pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2018. Na praça, fazendo farra, havia também uns torcedores chilenos. Fotografando tudo, a certa altura, foram na frente do “Palacio Quemado”, com suas camisas da seleção chilena, para tirar uma foto com os guardas à porta. Todos sorridentes, enquanto o rosto dos guardas mostrava levemente o desagrado com a situação; ainda assim, se mantiveram impassíveis. Silenciosos, aguardando o dia em que irão festejar a volta de uma parte da família para casa e esperando esse dia em que as águas geladas do Pacífico aquecerão o coração de toda uma nação.

COLORES

As cores fortes são percebidas logo na bandeira. O vermelho do sangue de heróis nacionais derramados lutando em defesa da pátria, o amarelo representando as tantas riquezas naturais, principalmente o ouro, e o verde simbolizando a vasta natureza e a esperança que não se perde.

Da cidade de Copacabana é possível entender o porquê a cor azul é relacionada à profundidade. A junção do lago Titicaca com o céu azul é de marejar os olhos, possibilitando as reflexões de quão vasto um país é e quantas histórias, costumes, sons, paisagens, cheiros e culturas cabem neste espaço de terra. Os barcos navegam e as nuvens vagam no céu, como um espelho. Espelho esse que você se encontra no outro, que você vê suas lutas, conquistas, medos e perdas. Outros que moram tão distantes e que nunca conheceu. É conseguir se sentir infinito.

No dourado do sol nasce um mito. Nas margens do lago Titicaca, conta a lenda que viviam homens incivilizados. Não praticavam nenhuma religião, não tinham uma nação organizada e nenhum conhecimento para cultivar a terra. Então Viracocha, o criador do Universo, emergiu do Titicaca neste local para criar Inti, uma das divindades Incas mais importantes, o deus sol.

Clara Tronca

O sol que aquece em meio ao branco da neve. Branco esse que queima os olhos, exuberante e forte. Branco esse que dá paz no coração, a paz de saber que o povo luta, o povo não cansa. Os muros pichados dão a certeza de que não só nós, como os outros, resistimos. Opiniões diferentes, mas o objetivo é o mesmo: a busca por um país melhor. Si e No.

Como já representa o verde da bandeira: natureza. Por trás de uma folha, a de coca, é possível entender grande parte da história do país. É possível observar a força que a cultura das civilizações pré-colombianas adquiriu. Ruínas encontradas de 8 mil anos atrás continham coca mastigada. E mais do que isso, é possível entender a influência que o Estados Unidos, que quer erradicar o consumo e a plantação da folha de coca, tem sobre a América Latina.

O transparente, invisível, o que os olhos não enxergam, o coração sente. O coração sente o conceito de família para o povo Aymara, que vai para além de pai, mãe, filho. Família é a terra, a água, o vento, é a grama, o solo, o lento. O coração sente o misticismo da Ilha da Lua, a sensibilidade dos saberes dos nativos. As aguayas dão cor às ruas. É a plurinacionalidade. Evo si, Evo No. A sensibilidade, respeito e simpatia dos bolivianos se revelam nas cores do pano espalhados pela cidade. É Bolívia, é plural, é cor e sentimento.

TE MOSTRA, BOLÍVIA

Maria Clarice Prata

Bolívia, mostra tua cor
que cativa o olhar,
não é apenas uma
para se admirar;

Mostra o teu povo,
cada direito que ganhou.
É índio, é mestiço,
que por tanto tempo
apanhou;

Bolívia, mostra tua história,
que nunca houvera país
assim.

Dói de escutar o vento
de cada golpe até o fim;

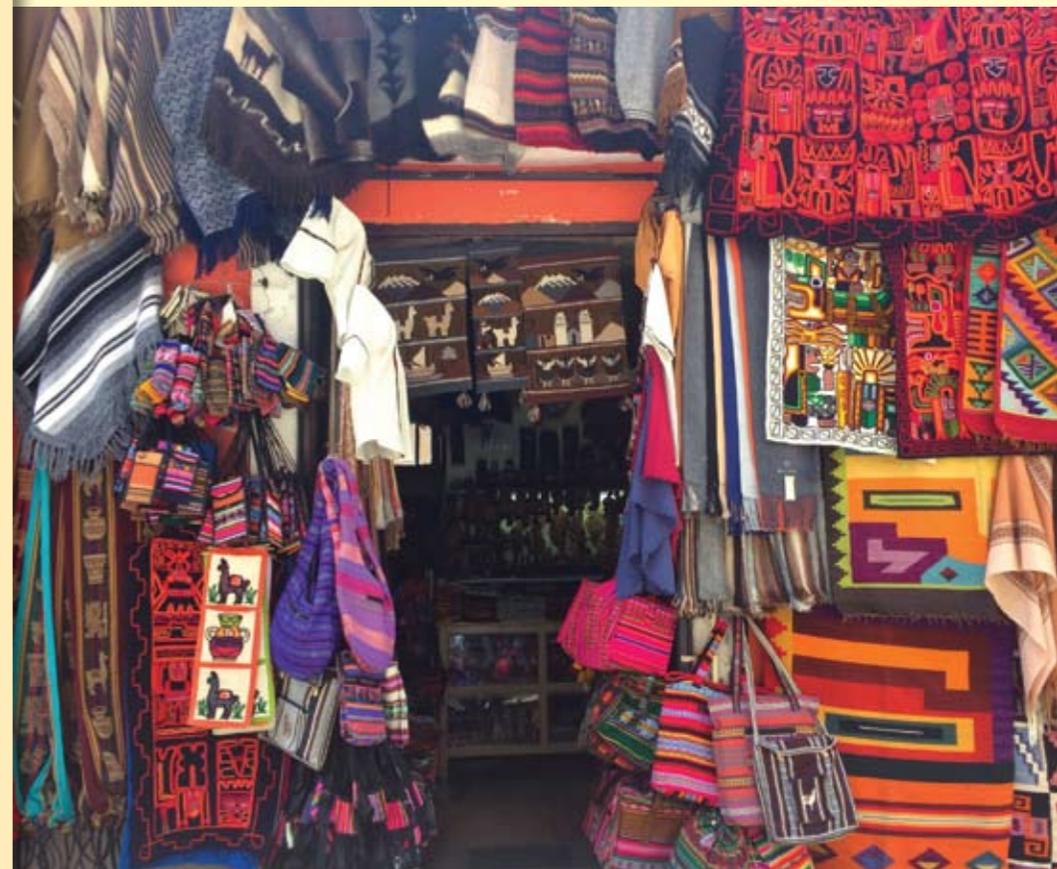
Mostra pra si mesma
que não é inferior.
É América Latina,
com orgulho e muito amor;

Mostra tua pátria,
teu orgulho de ser,
boliviano, latino americano,
deixa tua identidade
acender.

DESCOLONIZE-SE

Isabella Sena

Adescolonização do estado é algo que mais me cativa e instiga sobre a Bolívia. Valorizar as raízes, voltar-se ao ancestral, não seria excluir tudo que vem de fora, mas de fato valorizar o que vem de dentro. Ler, ver filmes, ouvir música, ver a arte e entender a filosofia boliviana faz parte deste processo. Entender, compreender e se religar com aqueles que antes ocupavam a América, antes de ela ser a América. Abandonar e questionar o cotidiano impregnado pelos hábitos coloniais, se desligar da visão eurocêntrica. Há de ser necessários a todos aqueles que foram colonizados questionar-se por seus hábitos.



BOLÍVIA E SEUS PASSAGEIROS

La Paz, 09/09/17

Somente hoje me sinto preparada para começar a falar dessa Bolívia, que ultimamente só andou bagunçando meus neurônios.

Sinto um aperto no peito, de pensar que depois de dias inimagináveis, voltaremos todos para nosso convívio habitual, e que seguiremos com nossas rotinas paralelas.

Amor, carinho, companheirismo, intimidade e sintonia. Essas palavras por si só tentam simbolizar o que eu senti com cada passageiro incluso nessa expedição.

Passei por um momento difícil na viagem, onde TODOS me ajudaram. Uns arrumavam minhas tralhas, enquanto outros me acolhiam em abraços, e no final todos me guiaram, quando tudo estava escuro. Esses momentos foram de verdade muito marcantes pra mim, e tenho certeza que em qualquer instante da minha vida irei de lembrá-los.

São Paulo, 16/09/17

Uma amiga chegou para mim uma hora na viagem e disse, “O mal-estar que estamos sentindo não vem somente da altitude, mas sim desse clima pesado, onde parece que todos estão tristes”, outra amiga que

estava presente completou, “Se você olhar bem para as mãos deles, irá enxergar isso. São mãos de muito trabalho e suor, mãos grossas”. Guardei esse momento na cabeça e segui refletindo pelo resto da viagem.

Refletindo sobre a palma das mãos, o boliviano cabisbaixo, olhando para as crianças que acompanhavam seus pais, lembrando a minha infância e me perguntando.... Qual será o futuro dessas crianças, comparado ao meu? Será que suas palmas serão como as de seus pais? Continuei a viagem.

Na cidade olhava para os muros, e eles gritavam. A cada esquina, as paredes silenciosas ganhavam vida e voz, voz do povo, cabisbaixos, das mãos grossas, e até dos donos das grandes mansões. O que eu não fazia ideia, era que esses muros eram tão rachados, “si y no”. Quem são os responsáveis pelo “si”? Quem são os responsáveis pelo “no”? A quem o governo representa? Representa as “Cholitas” que sobem as ladeiras de La Paz com seus filhos pendurados nas costas? Ou, o boliviano da zona sul que dirige seu carro último lançamento?

Pensei que ao sair da cidade a situação mudaria, mas não, se na cidade

Maria Eduarda Costa Martins

grande os muros gritavam, nas estradas interioranas eles berravam.

Na viagem adquiri dois pontos de vista diferentes. O primeiro surgiu na cidade de La Paz, enquanto perguntava para os moradores como eles se sentiam em relação ao atual governo, e as respostas eram muito semelhantes umas das outras, negativas, e até muitas vezes racistas, ao se dirigirem ao presidente. O segundo surgiu na Ilha do Sol, onde um indígena local (comunidade Challa) veio falar conosco e seus olhos brilharam ao demonstrar seu sentimento de reconhecimento e respeito que lhe foi “dado”, após a Constituição do Estado Plurinacional (2009), um olhar que nem se comparou aos da cidade grande, que eu havia perguntado anteriormente.

A Bolívia para mim não foi a conclusão de um estudo, onde antes de ir a campo você se prepara, idealiza suas perguntas e espera encontrar respostas ao chegar no estudo de meio. Muito ao contrário. Voltar das terras andinas, só me fez ter mais questionamentos e inquietações, sobre essas raízes, deles, minhas e nossas, que eu mal conhecia. Umas ainda procuro respostas, outras não sei se possuem.

IMPOSIBLE DE OLVIDAR

Ana Lia Lemos

O que me toca na Bolívia é a forma como ela é pluri, uma plurinação (tentando respeitar a voz das diferentes comunidades indígenas do país), pluricultural (escutando as diferentes crenças das comunidades), politeísta (resgatando as religiosidades antigas, resgatando suas raízes), multicolorida (transbordando em cor a sua história).

Há muita beleza em acreditar, respeitar e dar importância ao que realmente importa, o sol, a mata, o lago, as pessoas e suas relações, são coisas para se dar grande importância. Pensar de uma forma imposta pelo colonizador, fazer coisas do dia-a-dia da forma como querem que façamos, não é importante. Por isso a Bolívia cria um projeto de país que respeita a ancestralidade, não o colonizador, que mostre que conseguimos fazer as coisas do nosso jeito, não do jeito deles.

A Bolívia tem um projeto de

“país grande” que tenha espaço para o mar, que tenha índios (se colocando no mundo como índios) e que, principalmente, não se curve aos outros países. Tomo como exemplo “o relógio do sul”. Como o chanceler boliviano informou, “a Bolívia presenteou as delegações estrangeiras presentes na cúpula do G77, na cidade de Santa Cruz, com relógios de mesa no sentido anti-horário” e questionou, também, em uma conferência: “Quem disse que o relógio tem de girar em um único sentido? Por que nós precisamos obedecer a essa norma? Por que não podemos ser criativos?”. O relógio do sul é muito simbólico, mostrando como o país quer se tornar ideologicamente independente, se tornar um país latino e não apenas uma colônia europeia. “Não queremos complicar as coisas; apenas devemos ter consciência de que vivemos no sul e não no norte” – Choquehuanca Mesmo com uma grande de-

sigualdade econômica, como foi visto em La Paz, expondo casas sem acabamento (para pagar menos impostos) e casas-palácios (na zona sul) ou o trânsito caótico (quase sem sinais de trânsito) e um trânsito organizado (na zona sul), mesmo assim, o apreço pela diferença é tão bonito e tão forte que se sobressai, que torna tudo bonito, cada detalhe. Talvez os detalhes desse ensaio não sejam entendidos completamente, talvez o nexos entre os assuntos não sejam totalmente entendidos, mas juro que não fiz por mal, as lindas memórias apenas não estão organizadas em caixas e ligadas por um único fio, são várias coisas ligadas por vários fios.

Terminei meu ensaio citando, e concordando totalmente com um diplomata japonês que em uma conversa com Ludwig Valverde disse: “Bolívia es um país difícil de entender, pero imposible de olvidar”.

BOLÍVIA CAMBIA. EVO CUMPLE?

Ao vivenciar experiências em território boliviano me deparei com algo deveras intrigante, o presidente do país utiliza-se de sua imagem como meio de disseminar sua “marca” para a população, algo comum em países onde governar é algo difícil. Entretanto a Bolívia de Evo já não vive mais tempos duros como no começo de seu mandato, e agora tais propagandas remetem muito mais a um narcisismo do chefe de estado do que uma forma de unir o povo em torno de um líder.

Morales estampa fotos sua em todo os locais possíveis, desde os teleféricos da cidade de La Paz, até as barrinhas de cereal servidas nos aviões da companhia estatal boliviana; criando assim um sentimento de vigília entre a população. A busca por se tornar um *geist* também reflète em como as diversas classes bolivianas veem a figura de Evo. As diversas elites, desde a intelectual até a econômica,

julgam o presidente como algo ultrapassado, que após 12 anos de governo não possui mais as qualidades de um governante. Já as classes mais baixas observam este como um salvador dos pobres e oprimidos, que veio para acabar com o imperialismo e dar voz aos antes silenciados.

Nenhum dos dois lados está errado. Entretanto é necessário observar este governo nem como herói e nem como vilão. Desde 2005, a Bolívia vem passando por diversas mudanças no âmbito socioeconômico, chegou a ser o país que mais crescia na América do Sul e com as mudanças na constituição e a chegada do Estado Plurinacional, diversas pessoas passaram a ser parte ativa da política do país, além da criação de “novas classes médias”.

O que vemos hoje em dia é uma estagnação social e o início do declínio econômico deste país. E a manutenção de um único líder no poder tem tudo a ver

com isso. Evo já se acostumou com o poder. O que antes era um desafio, agora virou rotina. A população sente os reflexos dessa acomodação e a recente derrota do próprio nas urnas reflète isso. Tal derrota também serviu para que Morales buscasse um novo “inimigo” do povo boliviano e uma nova demanda áurea: o mar e o Chile. Recentemente, as relações entre os bolivianos e chilenos passaram de simples provocações e anedotas para manobras militares próximas da fronteira, tudo por conta de uma derrota frente a sua população.

Portanto, Evo busca em sua imagem transmitir uma ideia positiva ao seu povo, entretanto remete mais aos regimes autoritários, onde a imagem do líder era exposta em diversos lugares como uma forma de mostrar para a população que estão sob a tutela de um líder único e soberano, buscando consolidar um poder que cada vez mais foge de seu controle.

Gabriel T. Faccin

TIAHUANACO

Bento de Valentim Dias

Me identifiquei com o sítio arqueológico de Tiahuanaco porque me interesse por civilizações antigas. O que mais me chamou a atenção nessa cultura foi sua arquitetura, feita com grande e robustas rochas que pesam toneladas, esculpidas simetricamente, formando construções impressionantes, bem avançadas para a época, além da falta de recursos.

Os tiahuanacos possuem uma grande similaridade com outras civilizações antigas, como os maias, tanto na arquitetura quanto na astronomia e matemática, inclusive possuindo um calendário muito parecido.

Dentre suas construções pude observar muros, fragmentos de templos, esculturas, degraus e parte de uma pirâmide.

Na visita ao museu, observamos cerâmicas, ferramentas e outros utensílios, também vimos ossos de animais e humanos.

Essa civilização tem início em uma época remota,

existindo há mais de um milênio antes de Cristo. Surgindo da união de dois povos locais, tiveram grande influência na cultura Inca. Um exemplo disso é a mãe terra *Pachamama*, outro é a cruz andina.

Infelizmente a cidade foi danificada e saqueada, principalmente pelos colonizadores europeus. Visitei inclusive uma igreja construída com rochas que anteriormente compunham as construções dessa antiga cidade. Parte dela, hoje, está enterrada e não há investimento necessário para desenterrar o resto dela. Mesmo assim, o pouco que se tem desta cidade possui grande valor e relevância histórico-cultural, representando não só a cultura boliviana, mas também toda uma população que vive nos Andes desde muito tempo até os dias de hoje.

Eu pessoalmente achei fantástica a visita, principalmente pelo fato de eu nunca ter visitado um sítio arqueológico tão rico em detalhes como este.



DO SILÊNCIO QUE AS PEDRAS MANTÊM

Ao final de uma de nossas andanças pela parte mais alta da Isla Del Sol, ao indagar sobre as diversas pilhas de pedras que havia pela superfície do morro, fui informada de que se tratavam não de simples amontoados, mas de templos espontâneos, erguidos ao longo dos anos por várias e várias pessoas, que deixam seus pedidos aos ancestrais que ali vivem. É que, para os aymara, como me foi explicado, quando uma pessoa morre, seu espírito vai viver na montanha. Estava feita a mudança. A maneira como via tudo que estava posto diante de mim mudou. A montanha pela qual casualmente subi e descí era agora nada menos que o lar dos espíritos. E a partir dali, cada pequeno monumento de pedidos, cada desenho de musgo sobre eles, talvez por fascínio pelo que é antigo, despertava em mim nova curiosidade. Quem colocou a primeira pedra no lugar? Que tipo de desejos aquela pessoa buscava ver realizado? Logo me veio a mente outros templos que ali existem, templos estes cujas pedras foram há muito tiradas

do lugar, despidas de seu significado e usadas em outras construções, outra sorte de templo, que são as igrejas. Templos cujos construtores foram por muito silenciados. Hoje, o Estado Plurinacional da Bolívia é um estado pensado para todos os povos, onde particularmente aqueles a quem a participação efetiva na sociedade foi negada através de um longo processo histórico, que fez de templos incas, igrejas cristãs, podem então se pronunciar a respeito de suas questões, que serão contempladas, independentemente de sua identidade cultural, sem precisar em momento algum se desfazer dela. Melhor dizendo, isto tudo, é claro, representa aquilo no que este estado consiste em tese. Na prática, contudo, há notícias como a recente controvérsia acerca do decreto que retira do status de área protegida o Tipnis, que é parque nacional e reserva indígena, a fim de construir por lá uma rodovia, sob a justificativa de melhor desenvolver a região, não sendo muito claro se a maioria dos habitantes da região de fato consideram o projeto a melhor solução para seus proble-

mas. Temos aí uma contradição: O Estado Plurinacional, buscando o bem estar dessas pessoas, que são filhos da terra ou irmãos das árvores, enfiará pelas veias da floresta uma enorme estrada asfaltada, que derrubara as árvores e acabará por matar a terra. Aquilo que deveria por em alta conta o que aqueles que se veem parentes daquilo que os cerca entendem por bem estar, mostra para com estes ideais pouca consideração. Algo muda, na tentativa de conquistar apoio de outra parcela da população e sustentar um governo por mais algum tempo; talvez algo se repita de alguma maneira, os saberes de todo um povo sendo postos em segundo plano, em nome de uma noção de progresso e civilização, de um “bem maior”, e é difícil dizer a que desfecho uma situação que se desenrolasse dessa maneira levaria. Por quanto tempo resistirão os templos de pedra? Me pergunto e por vezes desejo que as pedras, podendo falar, compartilhem comigo a resposta. Mas elas, naturalmente, não me respondem.

Sofia Costabile

UM PAÍS DE LUTA

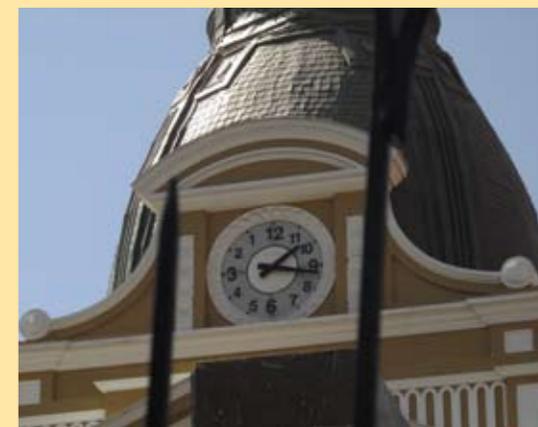
Amanda Vannuchi

A Bolívia é um país com muitas dificuldades financeiras. Apesar de sua beleza, tem muitos índices de pobreza. A moeda deles é o boliviano e sua economia está baseada nas indústrias de petróleo, gás, agropecuária e mineração. A agricultura move muito esse país, representando 15% do PIB. Os produtos agrícolas que geram mais a economia, são: a soja, açúcar, café, milho, batata e cereais. Quando Evo Morales assumiu a presidência, em 2006, a Bolívia era considerada o país mais pobre da América do Sul e o segundo mais pobre da América Latina, atrás do Haiti. As políticas econômicas e sociais adotadas por ele fizeram com que os bolivianos perdessem o posto para o Paraguai, que atualmente tem o menor PIB da região. O governo explicou que essa queda da pobreza extrema se deve às políticas sociais feitas pela administração do presidente Evo Morales. Mas uma realidade triste é a pobreza da Bolívia ainda ser tão forte. Quando se chega lá, já dá para ver pessoas nas ruas, pedindo dinheiro, passando fome... é triste de se ver! Mas apesar disso, ela encanta a todos que a visitam, com suas cores chamativas, marcantes, a cultura sempre muito presente, seus rituais, sua fé em *Pachamama* e outros deuses. Muitas culturas, povos e etnias misturados, paisagens maravilhosas, é muita beleza e muita luta que existe lá.

DESCOLONIZAÇÃO DO ESTADO

Bruno Sanches

Um tema muito interessante a ser abordado sobre a Bolívia é a questão da descolonização do estado. Os povos nativos da América tinham uma grande crença em deuses relacionados à natureza e suas culturas abordavam muitas ideias místicas sobre suas terras. A colonização deixou rastros muito fortes da cultura europeia na América Latina e a Bolívia é um grande exemplo. Há hoje uma divisão entre quem mora em La Paz e quem mora em Santa Cruz. Isso gera um conflito, tanto social quanto político, que nos leva a pensar que a maneira mais eficiente de acabar com todos esses problemas de separação de duas nações, que deveriam se unir para formar um desenvolvimento, visando sempre o futuro de seu país, seria a descolonização.



MAKHATAÑA

Parece impossível. O topo, inalcançável. A subida é íngreme, o ar é rarefeito e, logo ao lado, a estrada dos outros países parece uma linha reta. Ela é escalada, porém, todos os dias.

A Bolívia inicia sua história banhada em riquezas. Foi berço de diversos povos que são os pais de quem somos hoje, quando retiramos toda a casca colonial colocada sobre nós. Esses povos possuíam uma riqueza que jamais poderia ser comprada com toda a prata escondida nas terras bolivianas: o futuro. Identidade.

Os espanhóis, ao chegarem nessas terras desconhecidas, reconheceram essas duas riquezas: a prata e o futuro. A primeira poderia significar fonte de lucro “infinito” para eles. A segunda poderia significar perder a vantagem que a Europa havia conquistado no jogo imperialista.

A Europa desenvolveu, para si, a concepção de que era seu dever, como “o povo mais desenvolvido”, levar a Civilização para outras nações. Era um favor. Colocou a si no centro do mundo e jogou os outros territórios à margem. Com eles, foi dispensada também qualquer tipo de cultura que fugisse dos padrões desejado por eles: seria apenas acabando e diminuindo as diferenças que a Europa seria superior.



Pietra Ribeiro Paulino

Os Tiahuanacos, que viveram na fronteira entre a Bolívia e o Perú possuíam conhecimentos astronômicos e logísticos jamais imaginados no conceito de “civilização” europeia. Ainda em 900 a.C., eles já possuíam grandes centros urbanos e uma arquitetura complexa adaptada para uma economia baseada na agricultura – esta, que seguia diversos conhecimentos astronômicos avançados. Ainda em 900 a.C., eram capazes de driblar o clima fatigante de grandes períodos de chuvas seguidos de enormes estiagens com sistemas de drenagem de água. Ainda em 900 a.C., antes de qualquer indício da cultura cristã, já tinham uma religião própria e cultura desenvolvida.

E os espanhóis chegaram. E encontraram os Incas, “filhos” dos Tiahuanacos, ainda mais desenvolvidos. E encontraram uma cultura que fugia tanto do padrão que queriam impor e que transbordavam tanta identidade e desenvolvi-

mento... que precisava ser destruída. Qualquer vestígio seria prejudicial.

E foi assim que a estrada que estava sendo construída em equipe pela Bolívia foi brutalmente destruída. E, no lugar, foi plantada uma montanha. A subida é íngreme e, logo ao lado, a estrada dos outros países parece uma linha reta. O ar é rarefeito; o topo parece inalcançável. É Chacaltaya.

Foi assim, que um grande cobertor colonial foi jogado encima da Riqueza desse território.

Mas a Riqueza é futuro; é identidade. E, por mais que a jornada tenha se tornado uma montanha, é impossível impedir as pessoas de tentar escalá-la.

E, desde esse estupro colonial, a Bolívia iniciou sua jornada nessa montanha tão íngreme; nessa montanha que pode te deixar com os olhos machucados se não a tratar da forma certa.

E desde que começou a escalar,

a Bolívia passou por momentos de muita dificuldade. Momentos em que parecia perder o sentido continuar se matando para dar conta daquela montanha enquanto para outros países o caminho parecia tão fácil.

Guerras, conflitos... E a subida não parece terminar nunca.

Mas continuou a subir.

Porque a Riqueza foi encoberta... mas não roubada. É impossível roubar. E, a cada vez que olhamos e conseguimos enxergar aquela identidade, vemos também o futuro. E a Riqueza está em todo lugar; está nos olhos das Cholas que batalham todos os dias por espaço nas cidades, nos muros; está no sangue que circula pelas ruas da Bolívia. No sangue que escorre.

Está nas cores que transbordam. Tantas cores...

E agora a Bolívia passa por um momento em que consegue olhar para trás e ver o quanto já escalou.

Consegue enxergar as cores que transbordam – e sente-se atordoada por serem tantas.

Sim, ainda há muito o que escalar. E parece impossível. O topo, inalcançável. A subida é íngreme, o ar é rarefeito e, logo ao lado, a estrada dos outros países parece uma linha reta.

Mas está tudo bem. Porque a Bolívia possui a Riqueza. E, com ela, o que importa não é chegar ao topo. É escalar todo dia. É, a cada passo, estar um pouco mais forte.

A verdade é que, nessa estrada, não há topo.

O Chacaltaya costumava ser uma estação de ski; representava progresso, evolução. O aquecimento global, fruto do abuso de países “civilizados”, acabou com isso. Continua sendo, porém, o Chacaltaya.

E é escalado todos os dias.

Makhataña = “subir” em Aymara

CULTURA

A Bolívia é um país que tem uma grande diversidade de costumes, religiões, crenças. Sua cultura tem uma grande influência dos Quíchuas e dos Aimarás, por suas cores fortes, que faz com que ruas, vielas, escola, pessoas fiquem mais bonitas e alegres. As cores fortes fazem com que um país que seja tão pobre economicamente, seja rico em beleza.

Laryssa Menezes

BOLÍVIA UMA NAÇÃO DE DIVERSIDADE

Ana Clara Rodrigues

A Bolívia é um dos países mais pobres da América Latina, porém tem uma grande riqueza cultural e física. A folha de coca é muito importante para a cultura boliviana desde de sempre. A deusa Inca do amor é representada com uma folha de coca nas mãos.

A Bolívia tem muitas montanhas contendo neve, lagos incríveis como o lago Titicaca, tem uma grande cultura indígena muito presente nos dias de hoje. Além da Bolívia ter muitas montanhas e planaltos, ela também tem muitos vales e grandes planícies. Uma diversidade de natureza muito rica.

Também existe muitos parques nacionais, pois é um país com uma grande população indígena como o presidente Evo Morales, portanto eles conservam e cuidam muito da natureza. A arquitetura boliviana que fica por fora dos edifícios tem muitos traços indígenas.

A música e dança tem grandes influências pré-inca, espanhola, amazônica e africana. Cada zona da Bolívia tem um tipo de música característico da região. Para as músicas são usados muitos instrumentos de mão a partir da cultura dos índios. As danças são feitas para eles se expressarem, a dança tradicional boliviana é a “cueca”.

A bandeira da Bolívia é composta por três faixas de cores diferentes (vermelho, amarelo e verde):

1. A cor vermelha significa o sangue dos heróis nacionais que acabaram sendo derramados defendendo a pátria pela independência.
2. A cor amarela significa a riqueza e os seus recursos nacionais.
3. A cor verde significa a natureza e a esperança boliviana.

A Bolívia é um estado plurinacional pois lá não existe apenas uma nação, mas sim várias nações diferentes que formam o país como é hoje.

ESTADO PLURINACIONAL DA BOLÍVIA

Bento Idemori

Povo (s), grupo de indivíduos que formam uma nação;

Civilização, progresso;

Índigena, nativo;

Índio, habitante das Américas antes da colonização europeia;

Elemento químico;

Miscigenação, coabitação entre indivíduos

de diferentes grupos raciais; Cultura, padrão de costumes, crenças, atividades;

Cor, o que se opõe ao preto e ao branco;

Bolívia, povo (s), civilização, indígena,

índio, miscigenação, cultura, cor;

Bolívia, miscigenação de povos,

Culturas

E cores;

União, ligação,

Junção;

Força, vigor físico;

Bolívia,

¡La unión es la fuerza!

AS CONTROVÉRSIAS DA NOSSA QUERIDA BOLÍVIA

Bruno Martins Fadiga

Na Bolívia vemos um país de controvérsias, onde encontram-se diversas cicatrizes marcadas em seu povo.

A ditadura inibia e controlava a população boliviana através de sua violência. O neoliberalismo, que prometia trazer riqueza e estabilidade na Bolívia, apenas criou caos e indignação do povo. Mas foi com a nova presidência de Evo Morales que o povo da Bolívia finalmente quebraria com a lógica colonial e deixaria de ser controlada por poderes externos. Pouco a pouco, a Bolívia caminhava para um futuro melhor, e para tornar-se um exemplo para toda a América Latina.

Porém, novamente veríamos a controvérsia que tanto permeia a Bolívia, mesmo que escondida. Seu novo presidente teve o prestígio e honra de ser o primeiro presidente indígena

na do país, e sua chegada ao poder ditava uma nova época, onde o estado viraria plurinacional, a tirania da ditadura militar seria em todas as suas faces renunciada e os povos indígenas seriam respeitados. Ou deveriam ser.

Mas novamente a sociedade Boliviana demonstra sinais de perigo a sua democracia e a ética do governo de Evo Morales. Intelectuais na Bolívia já discutem a veracidade de chamar o seu presidente de um verdadeiro indígena sendo que mal sabe a linguagem de seu povo, aymara. A estrada TIPNI, atualmente sendo construída sem a permissão dos povos indígenas que rodeiam a área de sua construção também é uma enorme controvérsia em um governo que se diz plurinacional.

Além disso, as tentativas de mudar a constituição Boliviana feitas pela parte de Evo Morales em tentativas de

manter seu poder são preocupantes. Talvez mais ainda o seu suporte a Maduro, que atualmente aterroriza sua população com armas, algo remanescente das ditaduras militares da América Latina, algo que qualquer presidente atual na América Latina é esperado ter publicamente renunciado faz tempo.

Mesmo entre estas controvérsias a Bolívia demonstra-se um país complexo, visto que cada vez mais, seus povos indígenas normalmente ignorados têm agora, em maioria, suas vozes ouvidas. O país Boliviano pode ser chamado de exemplo, pois apesar de ter sofrido inúmeros governos de diferentes agendas políticas e cicatrizes resultantes continua dando passos a um futuro mais inclusivo e plurinacional. Caminhando para que, um dia talvez, não existam mais controvérsias.



SOY LOCO POR TI BOLÍVIA

Dora Perelmutter

Se desvincular dos rastros coloniais marcados por um truculento passado, superando barreiras e grandes dificuldades tanto como econômicas, como políticas e sociais não é nada fácil.

A Bolívia, país com grande histórico de golpes, instabilidade política e diversas dificuldades, está conseguindo, aos poucos, acender e crescer como nunca antes havia acontecido. É claro que levando em conta as grandes dificuldades ainda presentes, no entanto é necessário olhar para uma figura maior.

É perceptível uma grande mudança nas relações sociais-políticas, não é à toa o fato que quem está no poder é um indígena, portanto alguém que representa uma grande maioria que antes não era representada nem ao menos ouvida. Ser representado por uma figura importante é muito significativo principalmente para quem sempre foi reprimido e desconsiderado.

Uma voz indígena que pode ser que represente muito mais do que só sua própria etnia. Representa todos os que antes não-representados, sejam esses negros, mulheres, entre outros. Apesar de ter falhas, apesar de as vezes até mesmo afetar esses quem teoricamente ele representaria, como foi o caso não só de Evo Morales mas como também de vários outros grandes governantes importantes na América Latina, teve importância para criar uma voz para quem não as tinha.

Ter voz é ter identidade, é ser alguém, é ser algo de importância. Ter voz é ser considerado na hora de decisões políticas. Na Isla Del Sol, por exemplo, quando um líder da comunidade recebe uma carteirinha comprovando sua posição, e que garante que quaisquer decisões políticas que o governo queira propor, esse mesmo homem seja consultado para saber se a comunidade aprova.

Nós brasileiros, sempre tivemos muita dificuldade para admitir que somos também latinos. Tão latinos quanto os bolivianos, os venezuelanos, os mexicanos e etc. tivemos sempre dificuldade de nos entender como parte de algo maior, algo que todos temos em comum: A nossa história. Desde antes da colonização, com as civilizações que

antes lá habitavam, como tudo que foi destruído e construído em cima de nós.

Ser latino é ser resistência, é ser luta, e é sofrer até hoje com os rastros que a colonização deixou para nós. É ser julgado, é ser desconsiderado. É sofrer racismo, é sofrer machismo. É ter milhares de comunidades indígenas expulsas de suas terras até hoje. É ter trabalho escravo.

Ser latino é resistir a tudo isso, é quebrar os laços coloniais, é quebrar lógica colonial, ser latino é a descolonização do estado: É o relógio que gira no sentido anti-horário no centro de La paz; é o indígena no meio da Isla Del Sol, com uma carteirinha comprovando sua posição na sociedade; É a reconstrução e a preservação das ruínas Tiahuanaco; É ser Pachamama. Ser latino é uma necessidade. Ser latino é criar sua própria identidade no mundo e lutar para que ela seja reconhecida.

A Bolívia, o estado plurinacional, que reconhece todas nacionalidades, é um exemplo da quebra das relações coloniais, no qual não é só a figura europeia que é ouvida e representada, é a figura indígena

também, e sem desconsiderar as diferentes comunidades e tribos indígenas que lá habitam, ou até mesmo os descendentes indígenas que moram no centro de la paz e nas grandes cidades.

Eu, pessoalmente, acredito na Bolívia plurinacional como algo essencial. Eu acredito numa América Latina plurinacional. Acredito numa América Latina onde não se tenha medo de dizer “sou latino!” para a Europa e para a norte-américa, e onde não se tenha medo de dizer “sou negro!”, “sou indígena!” Ou até mesmo “sou mulher”. E não só não ter medo de se reconhecer como algo, como também ser reconhecido e considerado.

Eu me criei na Bolívia, me fiz latina. Me entendi como algo que nunca antes havia considera ser. Eu me fiz mulher na América Latina, me fiz porque precisei me fazer, precisei me reconhecer e reconhecer de onde sou para entender meu passado, para me entender culturalmente, socialmente, politicamente como uma mulher brasileira latino-americana.

Soy loco por ti Bolivia,, soy loco por ti Brasil e soy loco por ti América (latina)...

LATINO-AMERICANOS

Marília Oliveira Peceguini

Era uma américa estranha. Até meu vizinho era mistério. O trânsito, a comida, as bruxas, as estradas, o Evo, a resistência, a criança, o barco, a bicicleta, o burro, a foto, a bagunça, o condor, o puma e a serpente, a coca, a van, o cheiro, a cultura, os olhos, a música, as ruínas, a guerra o Willy, a dança, o movimento o céu e a chuva que molha as mãos rígidas e os pés de um povo que ainda caminha. Quando o conheci, vivi e senti o desbravamento da ausência e do desconhecido, de uma América que habitamos e vivenciamos a falta de nos conhecer.

Na cultura Aymara “família” não se resume a pai, mãe e irmão, a família é tudo aquilo que vemos e sentimos, é a montanha, o mar, o outro e a terra onde nascemos e ficamos. A terra é um membro e uma raiz nossa, é nosso corpo. A terra é povo e relações, que quando deixam de ser mistério, trocamos uma história, ensinamos e registramos no eu aquilo que vivemos no outro, as fronteiras se tornam desconhecidas.

E o vizinho bate na porta, o desconhecido se torna família e sob o sol, a chuva e o céu, o sentimento se materializa e nos torna um só, latino americanos.

BOLÍVIA E SUAS CURIOSIDADES

Bruna Ribeiro

A Bolívia, apesar de não aparecer nas mídias, é um país verdadeiramente rico e podemos constatar essa afirmação quando nos aprofundamos nos temas relacionados à segurança, gastronomia, história e cultura do país, entre outros.

É importante sairmos um pouco do modo de viver e pensar eurocêntrico, para poder entender o que é ser boliviano e viver na Bolívia e, nesse ensaio, vou discorrer um pouco sobre o país e sua riquíssima cultura.

Em uma conversa com uma conhecida boliviana, pude conhecer um pouco mais sobre a Bolívia e entender que ela não é apenas o que a mídia apresenta, mas sim que há vários temas a serem aprofundados.

Pesquisando um pouco sobre a segurança, pude ver em vários sites como a cidade de La Paz era uma cidade violenta, onde tiveram relatos de pessoas falando sobre taxistas que sequestravam os turistas ou de que não se pode andar na rua, pois é muito perigoso. Mas, afinal, em que país essas coisas não podem acontecer? Aqui mesmo em São Paulo há vários casos de roubos, sequestros, estupros, entre outras coisas, porém, ouvindo o lado de uma boliviana, pude perceber que as coisas não são realmente assim o que parecem e que a segurança em La Paz é o dobro do que a segurança no Brasil.

Conforme relato da ONU em 2013 (site: Mochileiros), a Bolívia tinha uma taxa de 8,9 homicí-

dios por 100 mil habitantes. Já o Brasil tinha, na mesma época, uma taxa de 20,4 homicídios por 100 mil habitantes.

Com esses dados dá para se romper a ideia de que só por conta da Bolívia ser um país mais pobre, as pessoas são maldosas e há muitos assaltos e violências.

Outro ponto que conversei com a boliviana foi sobre a folha de coca, que está muito presente na cultura Boliviana. Entrando em dois assuntos, ela disse que a folha de coca, há muito tempo atrás, era uma oferenda dos deuses para o povo e acreditavam que funcionava para espantar o mal olhado em suas moradias e plantações. Já os incas usavam a folha de coca como um meio medicinal e religioso. Me disse também que hoje em dia a folha de coca é usada também para rituais de sacificação pelos povos Aimarás e Quéchua, pois acreditam que traz boa colheita e sorte.

A maioria das pessoas quando pensam na Bolívia, além de pensar nas violências, também pensam bastante que a Bolívia é um lugar de gente drogada ou até generalizando a folha de coca como droga, só pelo fato da cocaína estar em sua produção. Falando sobre sua cultura, que é uma coisa muito presente na Bolívia, entramos também em suas principais atividades econômicas, onde se destaca a agricultura que emprega quase metade dos trabalhadores do país.

Suas principais produções são: batata, cana, algodão, café, arroz, milho e trigo e uma grande parte

da renda agrícola vem da produção ilícita da folha de coca.

Outras atividades econômicas são a pesca, a mineração, onde o estanho também é uma boa fonte econômica, a produção de tecidos, vestimentas, metais refinados e o petróleo refinado.

A educação dos 6 aos 13 anos é obrigatória para as crianças e além de tudo é gratuita, porém, por possuírem 3 línguas principais (Quéchua, Espanhol e Aimara), o Espanhol é a língua usada como de ensino nas escolas, mas a maioria das crianças acabam sendo educadas em outra língua. O ensino superior vem se desenvolvendo aos poucos e o país já possui dez universidades. Outro ponto importante sobre a cultura são os feriados e as festas religiosas, onde se destaca bastante a festa católico-andina em homenagem ao “*Señor del Gran Poder*”. Um costume dessa festa é os homens se fantasiarem com máscaras demoníacas, adornadas com serpentes aladas e dragões de 3 cabeças que representam os espíritos malignos e o Bem acaba sendo caracterizado pela mulher, pela virgem, pela purificada. O significado dessa festa é agradar o santo e mostrar poder.

Ainda falando da cultura podemos entrar no tema da gastronomia Boliviana, onde a sua principal refeição é o almoço. Suas típicas comidas são

as empanadas de arroz, a folha de coca, o locro carreto, as sachipapas, as humintas, o majao, o masaco, a truta, entre outros.

Para concluir sobre essa diversidade de coisas e conhecimentos, venho falar que para podermos entender a Bolívia precisamos entender o outro como outro e não como um estado-nação.

A Bolívia é um país lindo e sensacional de ser estudado, mas temos muitas visões erradas sobre isso, por conta do que a mídia nos passa, mas se formos a fundo e saber o que realmente é ser um boliviano, veremos que não é apenas mascar uma folha de coca ou falar em espanhol, mas sim ter seus costumes, hábitos, culturas e modos de viver totalmente diferentes de um modelo eurocêntrico.

Eu não posso dizer realmente o que é ser boliviano, mas posso afirmar uma coisa: se eu fosse, teria orgulho de meus ancestrais e da minha cultura, mesmo sendo um país pobre economicamente.



BOLÍVIA: DIREITOS EM CONFLITO, AVANÇO OU RETROCESSO?

Não há símbolo de maior distanciamento em relação às origens indígenas do que as típicas Cholas bolivianas. Se engana quem supõe estas mulheres como símbolo folclórico, as Cholas, com suas saias rodadas, dentes de ouro, blusas estampadas e chapéu de coco por cima do cabelo dividido em duas tranças, trazem para as ruas a identidade indígena que é tão presente na Bolívia.

Desde antes da conquista espanhola do império Inca, encontrávamos na Bolívia, vários povos que a habitavam, diferentes pessoas e culturas que hoje, mesmo com muitas informações sobre, ainda nos falta para conhecer. A conquista espanhola do Império não foi difícil, pois o mesmo se encontrava enfraquecido com a morte de seu imperador Huayna Capac, em 1527, e com a briga travada entre seus filhos pela sucessão. Mesmo com a vitória de Atahualpa sobre seu irmão, seu poder não estava consolidado e a chegada dos espanhóis em

1532 trouxe consigo a promessa de dominação.

O domínio espanhol foi imposto por Carlos II, e os vários povos que na Bolívia habitavam começaram a criar rebeliões, desafiando as autoridades espanholas. Chegaram a criar um novo Estado Inca, que fora logo derrubado.

O domínio se estendeu além das terras, chegando logo mais nas vestimentas indígenas. Os atuais trajes femininos utilizados pelas Cholas vêm de uma cultura espanhola, baseados em vestimentas regionais utilizadas por camponesas espanholas de Extremadura, Andaluzia e país Basco. O mesmo acontecia com seus cabelos. Algo que traz muita dúvida sobre a vestimenta destas mulheres é o chapéu-coco, que contrasta de forma excessiva com as vestimentas agora vistas como latinas, por ser um chapéu que traz um ar britânico.

O termo “Chola” inicialmente trazia consigo uma conotação pejorativa, se referindo às mu-

Luisa Fernandes Turna

lheres nativas aimarás, que se mudaram para a cidade grande, deixando para trás suas tradições e costumes, se rendendo, assim, ao estilo de vida urbanizado. Hoje em dia, este termo, da mesma forma que estas vestimentas, não tem o mesmo significado, agora trazem consigo o orgulho destas mulheres de sua identidade indígena.

O indígena na Bolívia é, desde sempre, uma figura afastada tanto pelo colonizador, quanto pela oligarquia do Estado boliviano que vem a ser consolidado e, pode-se dizer, que só vem a sair deste posto quando Evo Morales chega ao poder. A identidade nacional boliviana vem se traçando desde antes da colonização, sendo agora tratada de forma diferenciada dentro de um novo Estado plurinacional. Mas a questão que se cria com maior relevância neste âmbito dentro do governo de Morales, é a identidade cívica dos indígenas, onde questões étnicas se sobrepõem, gerando uma ruptura estrutu-

ral aos antigos moldes sociais e estatais, fato que se consolida se pensarmos nas línguas oficiais bolivianas, onde se encontra não só o espanhol, mas o quéchua, o aimará e outras 23 línguas nativas pelo território do país.

A grande questão que se trata agora na Bolívia, é a construção de uma rodovia que passa por uma reserva indígena, reserva de TIPNIS (Território Indígena Parque Nacional Isidoro Sécuré). Os índios que moram nesta reserva se manifestaram contra a obra que passa entre Villa Tunari, no Departamento de Cochabamba, e San Ignacio de Moxos, no Departamento de Beni. Estima-se que 13 mil pessoas, de diferentes comunidades indígenas, morem

neste território. A construção desta rodovia ainda não é certa, pois além de tirar várias pessoas de sua moradia, afetaria o ecossistema da região e suas formas de vida.

A forma como está sendo julgada a construção desta rodovia traz frustração também ao pensar no presidente, que, por ser de origem indígena e não estar tomando medidas de acordo com a proteção territorial, suscita a dúvida no povo boliviano sobre o que irá acontecer com a Bolívia daqui por diante.

O governo de Evo Morales afirma que esta estrada será muito importante para o desenvolvimento principalmente econômico do país, e o mesmo se vê

pressionado pelo mercado a expandir as condições financeiras do país, que se encontra em uma situação precária. A rodovia trará também para a Bolívia uma nova fonte de comércio, como, por exemplo, a exportação de produtos materiais do Brasil, que fará fronteira com a mesma. Forma-se, com isso, a dúvida de como resolver questão tão delicada entre um povo que está disposto a lutar por sua terra e precisa dela para viver e outro que precisa da mesma para se locomover e comercializar, trazendo para si o sustento necessário para se garantir. Como pode uma terra ser dividida entre quem mais precisa dela para viver e se sustentar?

LIBERDADE, INDEPENDÊNCIA E PERDA

Julia Micheski Ferreira

Independência e Liberdade, duas palavras importantes para a história boliviana, e o homem que permitiu essas duas coisas foi Simon Bolívar. O nome do país foi em sua homenagem. O Alto do Peru, como era conhecida a região, foi uma das primeiras colônias espanhola a se rebelar, em 1809. Em 1825, tornou-se independente, liderados por Simon Bolívar e Antonio José Sucre. O primeiro presidente boliviano foi Simon e a independência foi proclamada dia 6 de agosto de 1825. Mas a Bolívia perdeu, ao longo dos anos, grandes quantidades de seu território para os países com os quais faz fronteira. A Bolívia tinha, por exemplo, acesso ao oceano pacífico, mas perdeu esse acesso para o Chile. Também vendeu uma parte de seu território para o Brasil e, por último, perdeu território para o Paraguai. Por causa dessas perdas, a Bolívia se tornou economicamente muito pobre e é, hoje, o país mais pobre da América Latina.

BOLÍVIA: passado conturbado, futuro incerto

Helena Gebara

Bolívia é um país com um passado conturbado. Tendo perdido mais da metade de seu antigo território para seus países vizinhos, sofrido por volta de 200 golpes políticos e ter tido sua prata, que na época da colonização era bem farta, levada embora. Basicamente, a Bolívia foi um país altamente saqueado durante sua existência com seus países vizinhos.

Mesmo tendo sido saqueados por diversos países será que o povo boliviano permaneceu calado? Durante os movimentos de privatização da água e exploração do gás por países como Estados Unidos e México, o povo boliviano foi às ruas cansado de ser explorado. Os conflitos e protestos foram tão grandes que tais ocasiões receberam o nome de: “Guerra da água” e “Guerra do gás”.

Esses conflitos aconteceram por volta dos anos 2000 e ocorreram a partir da indignação do povo boliviano com o fato de que iria haver uma privatização da água e, alguns anos mais tarde, com o fato de que

os Estados Unidos e o México iriam ser altamente favorecidos pela exploração do gás. O que também desencadeou vários movimentos políticos.

Quando os Estados Unidos adotam uma política de luta contra as drogas nos países latinos americanos, em especial, na Colômbia (devido a Pablo Escobar), a Bolívia vira mais uma vez alvo do Tio Sam, já que a maior parte de sua comunidade é indígena e faz uso constante da folha de coca. Quando esse movimento começa, também surge na América Latina um outro movimento, chamado de “Onda Rosa” que não é nada mais nada menos do que uma movimentação dos partidos de esquerda para os governos dos países latino americanos. Nessa época surge na Bolívia Evo Morales, líder do partido MAS (Movimento para o Socialismo).

Evo é indígena e é a favor do uso da coca. A comunidade coqueira e indígena finalmente viu que poderia ter voz no cenário político. Evo era contra

os movimentos dos Estados Unidos para acabar com o cultivo de coca na Bolívia, sendo julgado em programas de TV americanos como alguém que era a favor das drogas. Em 2005, Evo fez parte das eleições bolivianas, fortemente apoiado pelas comunidades indígenas, ganhando com a maioria dos votos e sendo o primeiro presidente de origem indígena num país de maioria indígena. Meio contraditório não é mesmo? Vamos deixar as coisas um pouco mais polêmicas.

Atualmente, Evo acabou de aceitar a construção de uma estrada, Tipinisi, em uma reserva indígena. Evo deveria saber que, para os indígenas, a terra é como uma parte de si, e não é tão fácil simplesmente sair dela.

Pensando nisso, será mesmo que a Bolívia está a caminho do seu tão desejado progresso? Ou estão regressando para uma Bolívia que não representa a maioria de seu povo, e está mais uma vez pensando somente em seu progresso?

UM NOVO OLHAR

Carolina Dantas

A viagem de campo feita com meus colegas e professores do Colégio São Domingos me trouxe um novo olhar. A Bolívia é um país de pessoas extremamente lutadoras por suas verdadeiras essências. Podemos observar isto por ter um povo que só trabalha e, muitas vezes, a renda é pouca para sobreviver. Suas mãos geralmente são machucadas e, se você reparar direito em seus olhos, são olhos cansados. Os meus também seriam. Uma cultura que pode ser acabada por forças maiores. Uma rodovia

sendo construída em meio às suas casas, desigualdade em seus cotidianos, falta de oportunidade, miséria no meio de viver, são fatores extremamente presentes no povo de lá. Mas não em todos, na escola que visitamos na parte sul de La Paz, uma parte mais favorecida da cidade, pudemos ver que era algo mais organizado, tinha um método de estudo e de educação para os alunos, vimos também que nem todos tinham os traços típicos de um boliviano(a), conheciam músicas brasileiras e estavam com iPhones na mão.

EVO MORALES E SUAS POLÍTICAS

Amanda C. Furtado

Evo Morales é o primeiro indígena a comandar a Bolívia. Mesmo com tudo que tem feito pelo país e pelas pessoas, a Bolívia continua sendo o país mais pobre da América Latina. Mesmo criando outros métodos para se governar o país, não tem sido fácil para ele. Tenta de todas as maneiras poder dar um caminho melhor para as pessoas que estão desempregadas, ou melhorar seu governo para tirar da pobreza todos que precisam, mas, mesmo assim, ele não está conseguindo muito. Cada vez fica mais difícil e pessoas já foram para as ruas manifestar contra o governo e a política de Evo Morales na presidência do país.



COMO O AMBIENTE BOLIVIANO REPRESENTA AS IDEOLOGIAS DE SEUS HABITANTES

Gabriel Luiz Maldonado

O estudo de meio para a Bolívia representou muitas coisas para mim, foi uma experiência para se mudar de vida. Estar em campo transmite sensações e permite visões que nunca teríamos se tivéssemos ficado no conforto de nossos lares. Mas o que mais atentou o meu olhar nesta viagem, foram as diversas paisagens que testemunhei, por isso darei o meu ponto de vista sobre elas.

A Bolívia é um país fragmentado intensamente quando se trata de sua paisagem, em um momento observamos algo e quando nos damos conta, já estamos em outro local analisando outra questão. Isso se dá por sua grande diversidade, relativa às questões ambientais como às pessoas que habitam estes lugares. Digo isso pelo fato de que transitamos por locais extremamente urbanizados assim como pontos vastos e solitários.

Nas cidades, por exemplo, sofremos de uma quantidade massiva de informações, principalmente em El Alto, a cidade caótica, periférica de outra cidade caótica, La Paz. Em El Alto encontramos um trânsito que aparenta ter um fluxo, mas na verdade, tem tantos automóveis que, às vezes, o trânsito mal se move. Ao passar pelas ruas, vimos comércios de toda natureza em casas de vários andares, que possuíam uma arquitetura bem exótica, referente até a estilos asiáticos. E no meio de tudo isso, temos pessoas, que circu-

lam entre os carros, pelas ruas e que estão dentro dos estabelecimentos.

Todas estas percepções são importantes para entendermos que cada uma dessas pessoas busca, faz, deseja alguma coisa, de forma que temos uma convergência de subjetividade, onde cada pessoa quer se expressar do jeito que lhe agrada. Algo que em um país que viveu por muito tempo sobre a influência e controle espanhol e estadunidense, tendo que conviver com imposições de costumes e cultura externa, vale muito. Essa liberdade com certeza é consequência de vários movimentos que aconteceram no país, como a chegada de Evo Morales ao poder, que tem as suas raízes indígenas, por isso representa muito mais pessoas; a refundação do Estado, que criou o Estado-Plurinacional, reconhecendo várias outras identidades; e a descolonização cultural, que levou a expulsão de arquétipos neoliberalistas e eurocêntricos.

Porém, como já disse anteriormente, não transitamos apenas por cidades, passamos por locais onde o contato com a natureza era bem mais profundo. No entanto, era bem notável que mesmo nestes lugares isolados, onde podíamos somente admirar a paisagem, por mais bonita e grandiosa que ela fosse, era inegável que havia rastros de civilização por ali, devido à quantidade enorme de lixo espalhado por vários cantos. Algo que compunha a imagem do espaço de uma forma bem intrigante, ainda

mais pensando no contexto do “bem viver”, que é bem disseminado pelas culturas indígenas da Bolívia.

O conceito do “bem viver”, reconhece a grandiosidade da natureza e considera ela a mãe de todos nós, aquela que nos oferece o que precisamos para sobreviver, permitindo assim uma ligação bem mais profunda com ela. Apesar disso, as heranças deixadas pela lógica desenvolvimentista eurocêntrica estão cada vez mais sufocando o ambiente, quebrando os fundamentos dos saberes andinos e nos proporcionando cenas como a do primeiro mirante que visitamos, no qual se tinha uma bela vista do horizonte ao redor de um monte de lixo.

Acho importante relacionarmos a paisagem do ambiente com as pessoas que nele vivem, pois a Bolívia sofreu, e ainda sofre, um embate muito intenso de ideias, de maneira que refletir pelo menos parte delas na imagem do local em que vivem é algo praticamente impossível. Então cabe a nós traçarmos estas relações para entendermos todas as transformações que aconteceram e ainda estão por vir no país.

A BOLÍVIA VISTA POR FORA

Marily Cordeiro

Eu vivi a Bolívia. Não tive a experiência de conhecê-la pessoalmente, mas tive o privilégio de conhecer e escutar histórias de um país tão interessante. Por isso afirmo que vivi a Bolívia. Ao longo de meses, convivi com esse território complexo e cheio de cicatrizes profundas.

Escutei histórias e vi paisagens incríveis, que me proporcionaram enxergar a Bolívia de uma forma inimaginável. Pude construir a imagem de uma Bolívia marcada por rachaduras em sua história, como inúmeros golpes e parte de seu território perdido para todos os países a sua volta.

A Bolívia, na minha concepção, é um país que tenta se reconstruir aos poucos. Ao se anunciar ser um estado plurinacional, “traz de volta” a identidade boliviana, de vários povos e nações. Os indígenas são de extrema importância para a Bolívia, que tem seu povo nativo ainda muito presente.

Os indígenas, da Bolívia, me encantam muito, principalmente por terem resistido a todas as tentativas de extermínio. O vínculo dos indígenas com a natureza e a terra onde habitam é incrível, o que só mostra o seu pertencimento à sua verdadeira casa. Poucos países ainda valorizam e consideram os indígenas como uma nação, e o fato da Bolívia ter seus indígenas é gratificante.

Por fotos, pude perceber como a Bolívia ainda carece de recursos para sua população e que muitos se manifestam sobre. A Bolívia não só mudou minha visão de ver a vida, como também mudou a dos meus colegas. Nós estudamos. Conhecemos. Experimentamos. Nós vivemos a Bolívia.



EVO-SI (?)



Após incontáveis ditaduras, um projeto nacional interrompido por ideais liberais norte americanos, presidentes de popularidade abaixo da média e diversos problemas de desigualdades sociais - como a guerra da água e a guerra do gás - o povo boliviano, guiado pela oposição ao projeto liberal e pela nova guinada à esquerda que se estendia por toda a América Latina, elege Evo Morales como seu novo presidente, não apenas uma, mas sim duas vezes.

Evo Morales é uma figura extremamente marcante na história boliviana. Seu governo permitiu a consolidação de um Estado Plurinacional, contribuindo com o empoderamento das co-

munidades quèchua e aymara e descentralizando o poder de governantes eurodescendentes pertencentes ao “leste branco” da Bolívia. Graças a Evo, a população indígena boliviana finalmente ganhou visibilidade no cenário político, o que os permitiu proclamar seus direitos como cidadãos.

Porém, devido ao recente caso polêmico da construção da Estrada Tipnis, muitos tem contestado o governo de Evo Morales, apontando na construção da estrada e em várias outras polêmicas - como o caso do presidente representar o povo Aymara e não saber falar o idioma indígena - contradições e questionando fortemente sua atuação.

Morales, com toda sua popularidade e seus projetos para o Estado Plurinacional, procura se reeleger novamente em 2019 e, para isso, convocou um referendo na Bolívia que visava perguntar ao povo boliviano a possibilidade da re-reeleição.

O referendo foi recusado. Essa situação pode demonstrar uma vontade de mudança do povo boliviano, evitando estagnar o

Raquel Rodrigues

poder e acabar tendo resultados desastrosos, como na Venezuela. Não devemos esquecer que a Bolívia é um país que já sofreu demasiadamente graças a instabilidade política.

Evo Morales convocará novamente um referendo para sua reeleição em 2019. E, independente do resultado positivo ou negativo, o simples ato de “perguntar ao povo” já mostra que a democracia boliviana evoluiu muito.

Se a resposta ao referendo for “não” novamente, o desejo boliviano de mudança e a “insatisfação” recente para com Evo serão resolvidos. Se a resposta for “sim”, ainda teremos a possibilidade de ver Morales no poder, feliz ou infelizmente.

Independente do resultado, precisamos lembrar que Evo Morales pode vir apresentando uma contradição em seu projeto político, mas o que o presidente representa - visibilidade indígena, inclusão social e racial - não é algo que pode ser esquecido ou apagado, e deve ser considerado por toda a futura população boliviana.

O MAR LEVA O DINHEIRO

Henrique Serson

Pode-se dizer que a Bolívia, ao longo de sua história, reduziu drasticamente seu território após a sua independência. O seu território perdido foi conquistado através de guerras, por países vizinhos, e através de compra de território.

A guerra da confederação Peruano-Boliviana foi uma guerra que ocorreu na metade do séc. XIX, em que, logo após a independência peruana, estava ocorrendo conflitos internos e o general boliviano Santa Cruz decide intervir e tenta anexar os dois territórios formando uma confederação. Com essa união, o Chile vê uma ameaça aos seus comércios marítimos no norte do país e decide declarar guerra contra a confederação e acabando com ela e deixando os países intrigados.

Posteriormente, vem a Guerra do Pacífico, ocorrida entre 1879 e 1883, que foi uma guerra com interesses econômicos entre os três países, para saber quem controlaria a região de Antofagasta, que estava sobre domínio boliviano. Era uma região de rota comercial e uma região de exploração mineral importante para época. Após essa guerra, a Bolívia acaba sem saída para o mar. Ao norte, o Peru toma o controle da região e, ao sul, o Chile tem o controle.

Com a modernização e o aumento do comércio entre países, as rotas marítimas começaram a ser mais usadas. Com vários navios circulando e pagando taxas para atracar, as cidades portuárias foram se enriquecendo, além de que, na região

de Antofagasta, também havia a mineração, muito valorizada na época. Com as taxas portuárias mais a exportação de minérios, a região teve um enorme crescimento econômico. Foi o que ocorreu com o Chile e com o Peru, mas não com a Bolívia, pois o país já não tinha mais o domínio de nenhuma região portuária. Deixando a Bolívia com dificuldades financeiras até os dias atuais. Com isso, posso concluir que a Bolívia apresenta uma grande dificuldade financeira por causa da perda para o mar e enfrenta problemas socioeconômicos para tentar resolver essa situação, como a polêmica construção de uma estrada que passa por uma reserva indígena. Por um lado, os transportes de mercadoria seriam mais rápidos; por outro, desmata algumas terras indígenas.

Todo esse problema que a Bolívia enfrenta hoje, talvez ocorreria se ainda tivesse a saída para o mar.



A EXPLORAÇÃO DOS ANIMAIS DE CARGA NA BOLÍVIA

Lola Costi Martín

Há mais de 10 mil anos, os animais têm sido domesticados por seres humanos, sendo obrigados a se adaptar em determinadas situações e exigências. Para trabalhar nas montanhas, apenas sete se adaptaram. Na Bolívia, se encontram o Burro, a Lhama e a Alpaca.

Os Burros têm de 90 a 140 centímetros de altura, podem pesar até 400 kg e carregar no máximo 60 kg. Eles são animais híbridos, vindos do cruzamento do jumento com a égua, o que traz como consequência a esterilidade desses animais. As Lhamas pesam entre 130 e 200 kg, medem 170 centímetros e podem levar no máximo 35 kg. Elas conseguem levar as cargas por longas distâncias, em grandes altitudes e extremo frio por se adaptarem muito bem a ele com sua densa lã. As Alpacas se aproximam muito das Lhamas, mas são mais baixas, podendo pesar até 84 kg, chegam a 100 centímetros e podem carregar também de 25 a 30 kg.

Mesmo com os corpos capazes de carregar determinados pesos em determinados locais, o uso dos animais de carga é praticamente uma escravidão, que causa vários danos ao animal. Os animais são moldados para trabalharem para os humanos sem nenhuma motivação para os animais. Um ótimo exemplo disso é o cruzamento de animais para criar o Burro, visando a produção de um animal forte e grande como uma égua e, ao mesmo tempo, resistente, dócil e trabalhador

como um jumento. Porque criar um animal apenas para o benefício humano?

Os animais não nasceram para servirem como animais de carga. Essa atitude é como uma escravidão. Retiram o animal de seu habitat natural, moldam-no para agir de determinada forma e o obrigam a trabalhar, carregando peso, fazendo-o caminhar vários quilômetros, em locais de muita altitude, sem um benefício para ele. Muitas vezes, coisas básicas, como alimentação e saúde são precárias, então os animais pegam doenças e, às vezes, são descartados e abandonados do grupo para não atrasar a caminhada.

Como a exploração desses animais já ocorre há muito tempo, a situação é quase irreversível, já que alguns animais foram se adaptando a viver dessa forma e se apenas fossem liberados para sua natureza, talvez não seriam capazes de sobreviver, o que é uma preocupação! Também interferiria na vida de muitos trabalhadores, já que se esse processo fosse interrompido de repente muitos perderiam seus empregos. A melhor forma de reverter isso é acabando com essa exploração pouco a pouco, ajudando-os animais a se habituarem novamente ao seu habitat natural.

Se o ser humano não é capaz de chegar em determinado local, talvez signifique que ele não deve se apropriar dele. O Planeta Terra não foi criado exclusivamente para o ser humano, e sim para todos os seres vivos.

BOLÍVIA UM PAÍS LINDO APESAR DAS GUERRAS

Josias Guilherme Mota Nishimoto

Bolívia, entre tantos conflitos e desavenças, um lugar lindo e muito poético. País que tive a sorte de conhecer e apreciar de perto. Governado por Evo Morales, que entrou no governo em 2006 e permanece no governo até hoje, dando voz às nações indígenas existentes e fazendo do país um Estado plurinacional.

Fui a La Paz, uma cidade enorme, linda e... muito cansativa de se andar. Pois, além da altitude, a cidade é repleta de montanhas, de altos e baixos, com seu ar seco e um frio que esfria até a espinha.

A cultura boliviana fica evidente nas ruas, nas obras de artes, nos pixos, nas bolsas, panos, roupas etc. Tudo pensado e feito, nos mínimos detalhes, com cores fortes e marcantes. As cores mostram que, mesmo sendo o país mais pobre da América do Sul, pode ser considerado o país mais alegre. Penso assim, pois quando me deparei com as cores do país, esqueci tudo que me disseram, tudo que poderia acontecer comigo de ruim e comecei a pensar como é possível fazer cores que encantam cada turista. Confesso que, antes de ir pra Bolívia, não estava com uma boa impressão sobre o que iria ver lá. Mas, após chegar e ver as tribos de indígenas que habitaram a região há milhares de anos, fiquei fascinado com a esperteza e com a criatividade que tinham para fazer cada coisa que elaboravam.

Mas minha melhor experiência foi na Ilha do Sol, no famoso lago Titicaca. Um lago enorme e muito frio, formado pelo degelo das montanhas. Por último, bem importante e muito bonito foi escalar a montanha de gelo, lugar que é um dos cartões postais da Bolívia, principalmente de La Paz. Por mais que seja muito cansativo escalar, a montanha foi um dos lugares mais bonitos que visitei, para depois ver La Paz de uma vista única e inesquecível, onde a energia que se gastou para subir é reabastecida bem rápido após, no final da subida, admirar aquela vista. Essa viagem não vai sair da minha cabeça por um bom tempo, pois senti como é ser um latino-americano, sendo que, aqui no Brasil, não me sinto assim.

REFLEXÃO BOLIVIANA

Gustavo Marques

Bolívia, um país diferente, um país que sofre muito preconceito por parte de outros países, até mesmo dos países da América Latina. As pessoas tiram conclusões, em relação à Bolívia, sem conhecer a realidade do dia a dia e as suas dificuldades. Porém, aprender sobre esse país, sua cultura e seu povo é algo que me faz refletir sobre como eu vivo e os valores importantes, sobre como às vezes reclamamos a toa.

Aprendi a dar mais valor às coisas simples e básicas da vida. A Bolívia não é apenas um lugar para se viajar e tirar fotos. É um lugar para se refletir sobre você mesmo e nos passos que já deu até agora.



A CICATRIZ PULSANTE DEIXADA NO CORAÇÃO DA BOLÍVIA

Pedro Ramos de Lemos

A rica história da Bolívia está marcada por guerras, rebeliões, aspirações dos oprimidos e sangue inocente derramado por ganância, onde tudo isso tem um fator em comum, a chegada dos espanhóis em território indígena. Hoje, sendo um dos primeiros países que possui um governante de descendência indígena, a Bolívia e o povo boliviano tiveram de batalhar para poderem se libertar das rédeas do que hoje é, uma consequência da invasão espanhola, a América. O mesmo teve de percorrer um longo e difícil caminho para poder se libertar da lógica colonial que se impregnou na formação sócio cultural da Bolívia.

A história da plurinacionalidade boliviana tem início com as civilizações pré-colombianas, como Incas, Maias, Olmecas, Astecas e Tiwanakas, que estavam espalhadas pela América Latina (antes denominada Mesoamérica). Cada uma com aspectos únicos, porém similares, como a religião, a mitologia, a medicina e o uso das ervas (como a folha de coca que é um símbolo de significativa importância na cultura boliviana) nos processos de cura. Civilizações que, diferente do que pesavam os espanhóis, eram singularmente evoluídas nas áreas de matemática, arquitetura, sistemas sociais hierárquicos e tinham um sistema econômico extremamente evoluído, que dependia da agricultura. Porém, como as civilizações eram diferentes, era comum haver conflitos entre as tribos e, como consequência destes conflitos, era também comum prisioneiros de guerras serem utilizados como escravos e/ou sacrificados aos Deuses.

O declínio desta civilização teve início com a chegada dos espanhóis. A chegada dos espanhóis marcou o começo de uma era, cujo propósito de colonização era um meio de acréscimo à economia e à expansão da coroa espanhola, através da exploração vegetal e mineral da terra. Também marcou um tempo sombrio para aqueles que eram indígenas ou bastardos, pois a grande difusão do racismo e do preconceito tornou a vida dos mesmos difíceis, de uma aproximação com a escravidão indireta. A tática de colonização dos espanhóis foi não apenas o genocídio dos indígenas, utilizaram também os conflitos entre tribos como meio de se livrarem dos nativos. Virando tribo contra tribo, os espanhóis manipularam os índios a matarem-se uns aos outros, fazendo o trabalho deles por eles. Após a eliminação da maioria dos indígenas, aqueles que conseguiram sobreviver, eram postos em trabalhos forçados e abusados. As mulheres eram postas na posição de escravas sexuais, onde o sexo foi constantemente forçado, e foi a partir destes estupro que nasceram os mestiços e bastardos, mais tarde vistos como os primeiros bolivianos. Por ter sido formada com grande influência europeia, a Bolívia, assim como toda a América Latina, foi o espaço onde a política de branqueamento foi disseminada e aspirada pela Coroa espanhola. O desejo de exterminar a cultura indígena era forte e muito fomentado pelas elites que ali controlavam o fluxo econômico até a Coroa. Porém, foram os indígenas que lutaram e resistiram bravamente para que sua ancestralidade não fosse apagada da história e retirada deles. Sendo a colônia um espaço da extensão do poder do im-

pério espanhol, a importância que ela trazia era estritamente territorial e econômica. Após muitos anos de sofrimento e mortes desnecessárias, foi proclamada a Independência da Bolívia, e foi neste importante marco histórico que começou o desejo de uma América Latina mais autêntica, menos europeia.

Por mais que o desejo de uma América Latina, mais latina, fosse genuíno, o colonialismo ainda estava impregnado nas veias do país e isso atrapalhava qualquer progresso que poderiam realizar. Este foi o legado que os espanhóis deixaram para os bolivianos, a ideia de que o colonialismo sempre estaria na sociedade e em seus progressos, pois foram eles quem trouxeram o progresso ali. Com esta grande cicatriz no meio de sua raiz, o desenvolvimento de uma nação plurinacional, que respeitasse e celebrasse a ancestralidade indígena, foi apenas conquistado séculos depois, pois era interesse de todos uma desintoxicação da influência deixada pelos europeus. Claro, atualmente ainda se encontram resquícios desta mesma influência, porém, é a esperança de ter um indígena, um ativista e um homem justo no poder que fez com que a Bolívia pudesse começar com o seu processo de cicatrização.

CORPO QUENTE, MENTE FRIA

João Felipe Calvo Rodrigues Santana

Bolívia, 3800 metros de altitude em relação ao nível do mar, temperaturas bruscas e repentinas, quente e frio o tempo todo. Durante o dia, um grande sol e um calor moderado, isso por causa dos ventos frios que descem as montanhas andinas. Durante a noite, uma grande lua e um frio nada moderado. As montanhas servem como cobertor, já que a cidade de La Paz é toda envolvida pelos grandes picos gelados. Quando paramos em lugares onde a natureza é perceptível, fica explícito o contraste existente: solo seco, árido, algo que parece implantável e, a dois passos, uma grande neve branca, ou uma mata alta e densa.

A dificuldade para a mata crescer se dá pela grande altitude e secura do ar, tornado assim o solo boliviano um lugar nada adequado para se plantar. A Bolívia também é um país que tem um relevo bem peculiar, com diferentes níveis de altura por todo o território, tornando La Paz um lugar com vários vales, por assim dizer. Esse é o motivo da escolha do teleférico e

não outros modos mais usuais de transporte coletivo, como o metrô, por exemplo. O transporte a pé é bem comum, mas para nós, turistas, isso é um grande desafio, pois pelo fato do ar ser rarefeito fica difícil de respirar. Isso faz com que fiquemos exaustos com certa facilidade, tornando um desafio ainda maior subir em certos pontos turísticos bolivianos, como os mirantes e a Cordilheira dos Andes. Durante nossas caminhadas, pude perceber algo, meu corpo estava quente, pois já havia caminhado bastante, porém o vento frio que batia contra o meu rosto fazia esse resquício de calor sumir rapidamente. A adrenalina de estar chegando ao topo esquentava meu corpo, mas a temperatura cada vez mais baixa também tirava esse resquício de calor. No fim, sobrou apenas o prazer de estar lá. Mas acho que toda essa reflexão foi apenas a altitude na minha cabeça, as memórias de estar nas alturas, beijando as nuvens. Quem sabe ainda não estou lá, até agora? Acho que, talvez, eu apenas precise esfriar meus pensamentos.

TELEFÉRICO – ESPAÇO FÍSICO E DE REFLEXÕES

Lucas Ferreira

La Paz, cidade boliviana situada em aproximados 3.600 metros e uma das mais populosas cidades do país. Com sua elevação, é praticamente impossível a população dispor de metrô, por ser em uma região de grande variação na elevação do solo. Para fins de locomoção pública, foram construídas linhas de teleférico que circundam a maioria das regiões da cidade.

Lá do alto, podemos ver todo o contraste existente nesta grande cidade boliviana. A maioria das casas não tem pintura e acabamentos, devido à maior taxa de impostos para aqueles que acabam a construção de sua casa por completo - aumento de custo considerado desnecessário na visão aparente da maioria dos moradores que protestam e levantam a bandeira do Estado Plurinacional. Um Estado Plurinacional inclui formas comunitárias de organização (democracia comunitária). A luta por uma democracia mais justa, representativa, com um maior “abafe” nos conflitos e diferenças, movimentam as reflexões sobre o Estado Liberal.

O povo boliviano está acordado, é um povo que sai para as ruas, avenidas, estradas. Com o estopim que iniciou a guerra da água, a população enlouquecida pelo aumento enorme na taxa da água sai às ruas para protestar, e assim se consolida um povo guerreiro e aparentemente incansável que luta pelos

direitos mais básicos. O mesmo aconteceu na chamada guerra do gás, uma disputa social na Bolívia centrada na exploração das reservas de gás natural situadas no departamento de Tarija (gás).

Todas essas reflexões podem ser pensadas ao trafegar em um teleférico na cidade de La Paz, onde, no mesmo, é estampado o rosto do atual presidente, Evo Morales, primeiro presidente indígena do país, até então uma salvação da população que luta por direitos de todos e por uma democracia mais justa. Vem então o movimento da Onda Rosa, expressão utilizada para referir a um período da crescente influência da esquerda em toda a América Latina, começando no fim da década de 90, início de 2000, período no qual estavam sendo eleitos os presidentes que apoiavam as ideias reformistas e em geral lutavam por um povo mais igual. Onda Rosa faz uma analogia em ser o vermelho desbotado do comunismo, por ser esse movimento da ascensão da esquerda.

Entre a estação Chuqi Apu e Supu Kachi do teleférico, podemos observar todo o gradiente entre a zona Sul e o centro. Com apenas uma quadra de diferença, o colorido vira o descolorido, o verde vira paralelepípedos, um parque qualquer se torna um comércio de “cholitas”, tudo isso aos olhos de alguém lá do alto do teleférico.

BOLÍVIA ATRAVÉS DE MEUS OLHOS

Ana Clara Faustino

A Bolívia como um todo é um país muito interessante, que ainda nos instiga muito. Mesmo depois de ter descoberto um monte de coisas, ter andado pelas ruas, visitado lugares históricos e não históricos, falado com pessoas, estudado, pesquisado e vivenciado tudo aquilo que nos foi proposto, restam mistérios de como tudo aconteceu e ainda acontece. E mesmo como eram as civilizações antigas que ali viveram - pois os pesquisadores encontram poucos resquícios do que foi, por ser muito antiga.

Depois de me reconhecer como latino-americana, após a experiência de visitar esses lugares, me questiono muito mais do porquê sermos tão ignorantes com nossos próprios “irmãos”, muitas vezes apreciando, seguindo, gostando, conhecendo uma cultura que está mais longe da nossa história e realidade, como por exemplo, a dos Estados Unidos. A nossa cultura é mais norte-americanizada.

É interessante pensar em como o auto reconhecimento de ser latino-americano, e se denominar assim, é muito importante para tirar das costas o peso que se tem da colonização e das marcas do tempo que a Europa deixou em todos nós. Um exemplo disso, é o relógio que fica no edifício do Congresso, em La Paz. Esse movimento dos bolivianos é uma crítica ao modelo eurocêntrico de se pensar, onde além dos números serem invertidos, ele gira no modo anti-horário. Isso quer mostrar para as pessoas a recuperação da identidade não só boliviana, mas também da América Latina como um todo; para eles o Norte é o Sul, pois é do Sul que nascem as suas próprias ideologias. O povo é único e segue com seu modo de viver, sem se preocupar e se importar com os julgamentos e as críticas, desde questões históricas até seus costumes mais simples. Na interação que tivemos com os alunos da escola que visitamos, pude perceber isso

claramente, pois logo quando chegamos, apesar da pouca intimidade que tínhamos, nos mostraram uma dança típica, sem medo ou vergonha de ser e existir sua cultura tão rica. As interações foram tão profundas, interessantes e legais que o contato não foi só entre a troca de culturas, mas também trocas de espírito. Além da troca com o mundo, pudemos ter trocas com a natureza e vivenciar ela em todos seus âmbitos, pois a relação do homem com a natureza, para eles, vem muito das tradições indígenas, onde se é muito ligado aos deuses e a Pachamama (A terra significa uma ligação sua com a ancestralidade).

Isso tudo nos trouxe, ao meu ver, muito mais intimidade com aquilo que nos era desconhecido e talvez, até um pouco de estranhamento antes de aprofundar todos esses conhecimentos. A Bolívia não é só um lugar que está para turismo; é um lugar a se conhecer em todos os âmbitos possíveis.

ERA UMA VEZ NA BOLÍVIA

Uma cidade completamente apagada e sem vida, essa foi minha primeira impressão da Bolívia. Para todo lugar que olhava, via rostos com expressões tristes ou preocupadas, seus olhos pareciam refletir todo o sofrimento que seu povo já havia passado. Nas raras vezes que via alguém sorrir de maneira verdadeira, era um sorriso triste e sem vida, assim como a cidade.

Os dias passaram, via a aquela cidade cada vez mais e mais caótica, da janela do ônibus via-se um aglomerado de carros parados no trânsito das ruas, buzinando, gritando, as pessoas com aquelas mesmas expressões atravessando em meio a eles. Havia filas enormes para o transporte, haviam filas enormes para todos ali.

Do alto do teleférico se via a cidade dividida, um lado era rico, bem cuidado com pessoas geralmente brancas, o outro era pobre, com casas mal acabadas e população majori-

tariamente indígena. Dalí deu para ver a realidade, o quão desigual era aquele local. Comecei a entender a importância da representatividade, os indígenas, por muito tempo foram apenas ignorados, mesmo sendo maioria no país. Entendi o motivo de todos eles terem elegido Evo Morales, ele deu voz aquele povo que tanto precisavam ser ouvido, devolveu os direitos que, há muito, já deveriam ter sido concedidos. Ele os tratou novamente como cidadãos.

Fomos para Isla del Sol, atravessando o lago que para eles era o único vestígio de mar que podiam ver. Pensei na tristeza e no vazio que aquele povo sentia por sua perda. Havia perdido as terras, haviam perdido o mar, haviam perdido tudo para todos. Podia notar o rancor que guardavam de tudo isso. No entanto, aquela ilha no meio do lago Titicaca não me trouxe uma sensação de perda e sim uma paz imensa, olhar para as paisagens maravilhosas dei-

xava meu coração mais calmo e tranquilo. Mesmo aquele sendo um lugar muito pobre, consegui ver nas pessoas a vida que para mim não existia em La Paz, a vida que acendia dos olhos das pessoas.

Voltar de lá me deu uma enorme dor no coração, pensei em todos aqueles povos que desde muito tempo habitavam aquele lugar. Eles tinham sua própria cultura, uma cultura diferente de tudo o que a gente já viu e, mesmo há mil anos atrás, construía coisas tão incríveis que mal poderíamos imaginar. Era lindo pensar na maneira que todos viviam ali há tanto tempo atrás, em suas relações, pensamentos, tudo. Enfim escalamos aquela enorme montanha com neve, foi difícil chegar ao topo, era uma escalada longa e cansativa, mas conseguimos. Naquele momento percebi que realmente estávamos na Bolívia, naquele lugar que em meio a tantas dificuldades, consegue ascender através das cores que o representavam.

Tainá Corabi

TIPNIS

O principal motivo das discussões sobre a construção dessa estrada destinada a facilitar o tráfego a partir do Brasil, que coloca à prova a institucionalidade indígena boliviana, é a inexistência de alguma regulamentação para consultar os povos nativos da Bolívia sobre iniciativas que afetem seus territórios.

O governo da Bolívia está animado com a construção de corredores para o tráfego de mercadorias brasileiras rumo ao Oceano Pacífico que está enfrentado muitas críticas dos indígenas principalmente.

Os exportadores do Brasil, da Argentina e do Paraguai querem atravessar o território da Bolívia para alcançar portos do Chile e do Peru e, assim, cruzar também o Pacífico para chegar até a China. Evo Morales, muito convencido, diz que se não fizerem agora, outros projetos não virão à tona.

O governo procura facilitar o tráfego desde o Estado de Rondônia até Puerto Ustárez, por um corredor que passaria por Trinidad, TIPNIS e Cochabamba.

Esse corredor é muito grande e o

traçado de uma das estradas vai unir Villa Tunari com San Ignacio de Moxos. Pode ser um local não muito grande, porém tem muito significado. A junção desses dois pontos levaria muitas horas para cruzar de um lugar para o outro, porém com a construção da estrada levaria menos da metade.

Além disso, a estrada passará por um santuário nacional onde vivem 15 mil pessoas (TIPNIS) e três povoados indígenas. Os manifestantes estão rejeitando qualquer que for os traçados que passem pelo parque. O governo está mais interessado por essa estrada do que para outras coisas mais importantes para a população. Para a estrada estão destinados US\$ 500 milhões, isso é um terço de destinação anual para obras públicas. Há muitas outras leis que violariam, como a Lei Florestal, a Lei do Meio Ambiente, o Regulamento de Áreas Protegidas, o Decreto Supremo, o Código Penal e o Convênio 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Como dito antes, o principal problema foi a não consulta prévia aos indígenas, que deveria ter

sido feita de maneira transversal ao trâmite de licença ambiental.

“É nosso espaço de vida, é um território que nos custou luta e sacrifício para conquistá-lo e consolidá-lo”, disse à Agência Efe, o líder indígena Adolfo Moye, moxeño de 32 anos, sobre o lugar ao qual chegaram seus antepassados após anos de busca. “Percorreram grande parte do departamento do Beni procurando um espaço onde viver tranquilos, onde não houvesse interferências de grupos de pessoas estranhas e que permitisse compartilhar uma convivência harmônica entre etnias”, detalhou Moye.

O povo que habita essa região, em Tipnis, está fazendo de tudo para que essa estrada não seja construída, pois esse território é tudo para eles, é aquilo que conquistaram, é o lugar de paz deles, onde eles vivem. Imagine se fosse onde você morasse e, do nada, quisessem passar cimento por cima disso, sem ao menos consultar o povo que aí habita. Pensando também que Evo não deveria aceitar a proposta, já que é um indígena e se dizia um governo pelo povo.

Marina Sabatino

BOLÍVIA, SETEMBRO DE 2017: MINHA EXPERIÊNCIA

Quando a escola decidiu fazer uma viagem de estudos para a Bolívia, eu tive as minhas dúvidas se devia ou não ir. Depois de algumas discussões em sala, pensei que seria uma boa experiência estudar um povo com costumes e cultura diferentes do Brasil. Assim quando o dia de viajar para a Bolívia estava se aproximando, eu me senti bastante preocupado e despreparado, mas minha mãe me encorajou a ir e isso foi um grande alívio para mim.

Ao ver como a população de lá é nos dias de hoje, eu percebi que a maioria descende do povo indígena e falam línguas diferentes. Uma dessas línguas que os indígenas mais usam é o espanhol. Entretanto, eu acho que alguns indivíduos entre eles continuam a usar a mesma e antiga língua indígena, que era falada antes da vinda dos espanhóis para a América. Hoje em dia, a maior parte do povo indígena passa a usar roupas mais atuais de pessoas comuns e ter hábitos diferentes dos antigos. Na Bolívia eu passei por duas cida-

des diferentes, La Paz e Copacabana. Em cada uma delas, acho que fiquei meio impressionado com o seu desenvolvimento estrutural e a quantidade de pessoas que vivem no interior dessas cidades. Ao caminhar pelas ruas de cada cidade, senti um pouco de medo sobre o que aconteceria se eu me perdesse do grupo ou acabasse ficando com pouco dinheiro para os próximos dias que iria passar na Bolívia. Mas eu fui bem cuidadoso com o dinheiro e prestei muita atenção nas caminhadas até o último dia do estudo de meio.

O que teve de mais interessante nessa viagem para mim foi o artesanato feito perto de um sítio arqueológico sobre o povo Tiwanaku, onde eu e os colegas fizemos algumas imagens de argila de divindades indígenas. Eu aprendi a fazer

Liam Gunn

alguns bonecos de argila representando divindades indígenas e comprei um belo artefato feito de argila dourada desses povos. Também comprei uma bolsa de couro para a minha mãe.

Eu admirei algumas paisagens nessa viagem e tirei fotos. As coisas que eu achei mais bonitas foram Copacabana e alguns campos.

Na viagem pratiquei muitas coisas: cuidar dos meus documentos; fotografar; observar um país diferente; pagar coisas com dinheiro diferente.



UM POVO SEM PERNAS, MAS QUE CAMINHA

Tainá Venturi

Não há palavras, não há expressões, o sentimento não se limita ao papel e a língua não dá conta de abrigar toda a grandiosidade da Bolívia. Acho que posso dizer que não sou mais a mesma desde que voltei, porém ainda levarei muito tempo para entender a mudança que esse país me proporcionou. Foi tudo imensamente intenso, do começo ao fim.

Cansaço. Dor. Tontura. Estar à mercê do seu próprio pensamento e limite; físico e emocional. Acontecer nessas incertezas desconhecidas. Absorver cada átomo dessa experiência que se chama se reconhecer no outro; se refazer a partir do outro.

União. Orgulho. Risada. Poder se sentir leve junto a tantos outros. Se sentir parte de algo muito maior. Perceber que, nós brasileiros, não somos distantes dos países com que fazemos fronteira e pertencemos, com orgulho, à Latino América!

Se permitir acontecer nos outros, acontecer em si mesma, acontecer e ser. As relações hu-

manas movem o mundo, a vida; eu não seria quem sou caso não tivesse conhecido e conversado com todas essas certas pessoas que passam, passaram e passarão em minha vida.

A força do povo boliviano pulsa, rasga, grita, não temem ao reivindicar seus direitos e não se calam diante suas insatisfações. Fazem justiça com suas próprias mãos. Eles nos fazem nos sentirmos acolhidos e seguros, sentirmos que temos alguém para caminhar junto. Um dos povos mais sábios que já conheci. Com seus conhecimentos herdados de Pachamama e de culturas andinas, os Aymaras e Quechuas ainda respiram dentro da Bolívia. Os misticismos da terra, do vento, das cores, dos saberes de uma herança tão rica que não se foi perdida. Os bolivianos ainda têm muito o que ensinar ao mundo.

Esse mesmo povo forte e cheio de virtudes se sente inferiorizado, menos merecedor, por ter perdido território para todos os países com que fazem fronteira,

e o mais importante, por ter perdido seu acesso ao mar para o Chile, na Guerra do Pacífico. Esse mar que nos une, é um projeto constante na Bolívia, esse país tão grandioso que necessita desaguar nas águas do oceano para expandir e se mostrar ao mundo, mais uma vez, como país grande, e descolonizar o pensamento tradicional ocidental.

O único país da América Latina a reconhecer que há outras nações dentro de seu território. Com isso se tornando um Estado Plurinacional, que se apresenta com a whipala, bandeira das nações andinas, ao lado da bandeira política, verde, amarela e vermelha.

Ainda estou emergindo dessa experiência que foi me perder na América Latina profunda, mergulhei de cabeça nos misticismos daquela terra e continuo vidrada, sem saber explicar o que senti. Seguimos juntos e, cada dia mais, tenho certeza que nasci no continente certo.

!Aquí se respira lucha!

OS VESTÍGIOS DO OLHAR AO CÉU PRÉ-COLOMBIANO

Sobre às margens do lago Titicaca, a cerca de três mil e oitocentos metros acima do nível do mar, no altiplano boliviano, encontramos os vestígios, e apenas os vestígios, da cidade que hoje é chamada de berço das civilizações americanas. Tiahuanaco superou quase todas as dificuldades que o clima frio e seco lhe propôs, mas não foi capaz de conter o avanço “colonial” espanhol.

A ganância dos invasores pelo ouro e prata foi tão grande que fez de Potosí uma das maiores metrópoles do mundo. Hoje, a mesma cidade é uma das mais pobres da América do Sul. Todas as riquezas - materiais e imateriais - bolivianas foram sugadas pelos invasores espanhóis. A sede pela fortuna foi tamanha que os mais sagrados templos foram saqueados para que seu ouro e metais preciosos virassem enfeite em igrejas cristãs ou utilizado como método de pagamento à Inglaterra (por conta da dívida que a Espanha contraiu com os ingleses). “Antes a pele vermelha no chão do que a conta vermelha no banco”.

Por conta da descendência do povo tiahuanaco, diversas civilizações pré-colombianas demonstraram um profundo interesse em relação à observação do cosmos. A busca destes povos era pautada em estabelecer uma relação entre os fenômenos observados no céu e o dia-a-dia de sua sociedade, que possuía, em sua essência, fortes laços religiosos que a acabavam guiando. Por isso, o estudo e a compreensão dos astros teve suma importância em todas as sociedades pré-colombianas.

Seguindo o seu entendimento, astros, como o Sol e a Lua, eram a “forma viva de entidades divinas” que apesar de não serem personificadas, possuíam a “essência de um indivíduo “humano” e imperfeito. Dessa forma, diversos monumentos foram construídos inspirados em alinhamentos astronômicos diversos, como os eventos solares e lunares, possibilitando assim, a criação de uma intensa conexão entre o mundo celeste e as culturas pré-colombianas.

Entretanto, não era apenas para se comunicar com os deuses que

Tomaz Heizenreder

a astronomia lhes servia. Povos como os tiahuanacos eram conhecidos pelo seu avançado sistema de agricultura que lhes favorecia com técnicas de drenagem de água e técnicas diferentes de plantio que destoavam da normalidade. Além de tudo isso, a posição das estrelas no céu condizia com uma determinada estação do ano, isso fornecia aos povos tiahuanacos diversas informações sociais-econômicas, como por exemplo: como, quando e o que plantar e quando seria feita a colheita.

Desta forma, podemos dizer que observar os astros era observar a própria sociedade. É muito simbólico o fato de que a destruição dos monumentos astronômicos dos povos pré-colombianos rompeu com a sua evolução e culminou na extinção de muitas dessas culturas. Não podiam mais enxergar a si próprios e acabaram virando uns contra os outros (como foi o caso dos astecas, por exemplo).

Um dos fatores utilizados pelos espanhóis como justificativa para a colonização das terras americanas era de que os povos que ha-

bitavam a América eram bárbaros, pelo fato de serem adeptos a uma religião politeísta, que não reconhecia a figura de Jesus Cristo. Podemos notar também que a religião cristã possui uma divindade personificada (Jesus), mas em oposição às religiões dos povos pré-colombianos ele é visto como uma pessoa perfeita e não-humana. Entretanto, foram os espanhóis que tiveram um comportamento digno da barbárie. Invadiram um local que não pertencia a eles e já queriam colocar os pés sobre a mesa.

Quanto aos monumentos astronômicos, hoje só nos sobraram suas ruínas, extorquidas e assassinadas. Mais uma vítima da invasão colonial espanhola.

Quanto às civilizações pré-colombianas, só nos restou o registro através do tempo. Olhar para o céu é como olhar para o passado. É fazer como os povos pré-colombianos, pois a imagem dessa civilização viajará para sempre, pelo cosmos.

MAIS DO QUE UMA GASTRONOMIA

Nicolau Vergueiro Talocchi

A Bolívia é um dos países mais pobres da América do Sul, com uma economia baseada na agricultura e na exploração de gás natural. Neste ensaio, tentarei mostrar como a gastronomia boliviana pode ser um exemplo de que a pobreza financeira do país não demonstra a riqueza cultural que ele tem. Em nosso estudo de campo, visitamos várias cidades. Dentre estas, eu reparei muito na gastronomia de La Paz, Copacabana e Isla del Sol. Pude perceber que, em todos os hotéis que ficamos, as opções de pratos eram, em geral, ou frango ou peixe. Isso mostra muito sobre esse país, pois são carnes de custos mais baixos. Um dos principais elementos desta gastronomia é a batata. Este tubérculo, por sinal, é comum e diverso em vários países andinos, de onde se origina. O milho, assim como em outros países latinos, também é a base de sua culinária e é utilizado em muitos pratos. Todos estes alimentos são produzidos ou retirados da Bolívia, quase nada é comprado de fora do país. Em La Paz, cidade em que ficamos por mais tempo em nosso estudo de campo, foi onde pude perceber o quanto o frango e porco são usados de diferentes formas e modos. Já nas cidades que rodeiam o Lago Titicaca, pude perceber que o peixe era muito utilizado também por ser uma carne barata e prática, pois é possível fazer diversos pratos com o ele. Não há dúvida de que a carne é a estrela de qualquer menu boliviano, e que a sua qualidade e a variedade de acompanhamentos podem torná-la uma iguaria (seja carne de porco, frango ou peixe) mais valorizada. O frango é uma exceção, porque ele pode ser preparado com qualquer coisa e de qualquer modo, como frito, grelhado ou usado como um ingrediente para a preparação de outros pratos como empanadas (na Bolívia são chamadas “salteñas”). A Bolívia tem uma gastronomia diversificada por conta das diferentes características geográficas do país, com uma variedade não tão grande de alimentos, mais de temperos. A experiência de visitar a Bolívia me proporcionou ver um novo ponto da gastronomia: a possibilidade de cozinhar diversos pratos com os mesmos ingredientes. Com somente quatro ingredientes como batata, frango, porco e milho, há mais de 20 pratos bolivianos possíveis de se preparar. Isso mostra que a Bolívia não é um país rico economicamente, mas que tem uma cultura muito rica que vale muito. Depois de tudo, podemos observar que a diversidade de pratos representa inteiramente essa cultura, que se compõe de tantos povos no mesmo lugar.

A FORMAÇÃO DA BOLÍVIA: DOS TIWANAKU A EVO

Sofia Pavani

A Bolívia é um país da América do Sul que, pela colonização e variedade cultural, é difícil de entender, mas impossível de esquecer. Apesar da crueldade dos colonizadores espanhóis para com os indígenas durante todo o tempo de colônia da Bolívia, 60% dos bolivianos atualmente se consideram indígenas, e, em sua maioria, moram na parte alta do país. A maioria dos brancos moram na parte baixa, que é também a potência econômica da Bolívia.

A história da Bolívia, porém, começa muito antes da colonização espanhola. Por volta de II a.C. a civilização Tiwanaku, precursora do grupo indígena mais importante da Bolívia atual, os Aymaras, se desenvolveu perto do lago Titicaca. Ainda existem algumas ruínas de templos e esculturas, que hoje são patrimônios mundiais, e arqueólogos as estudam. Essa civilização desapareceu por volta de 1200 d.C., o que resultou

no fortalecimento dos Aymaras. Em aproximadamente 1530, porém, os Espanhóis chegaram à América Latina, matando e escravizando os povos nativos em nome da civilização. A maior parte das riquezas minerais presentes foram levadas para a Europa, o que dificultou muito o desenvolvimento econômico dos países latino-americanos no futuro.

A independência da Bolívia só ocorreu após o enfraquecimento da Coroa Espanhola, durante a Guerra Napoleônica, em 1809. A República, porém, só foi estabelecida em 1825. Desde então, a Bolívia passou por mais de 190 golpes de estado. O país também sofreu perdas de território para outros países e grandes desigualdades sociais, com as classes mais baixas sendo ocupadas, em sua maioria, pelos indígenas.

Essas desigualdades sociais, porém, foram reduzidas em 1952, quando ocorreu a Revolução de 52. Algumas das

conquistas sociais da revolução foram a conquista do direito a voto aos indígenas, nacionalização de empresas, a reforma agrária e a criação de uma organização sindical. A partir de 1970, por outro lado, Hugo Banzer assumiu uma ditadura na Bolívia, financiada pelos Estados Unidos. Nos anos 80, então, quando a ditadura acabou, o país experienciou, junto à toda América Latina, alta inflação, endividamento e baixo crescimento econômico. Ainda, havia a guerra dos Estados Unidos contra as drogas, tentando acabar com a produção da folha de coca. A folha, porém, tem um significado ancestral para a população, e a destruição das plantações trouxe grande insatisfação popular. O atual presidente boliviano Evo Morales surgiu pela primeira vez em um cenário político como um líder cocaleiro, defendendo interesses da população.

Em 1990 foi criado o Consenso de Washington, teorica-

mente para ajudar os países da América Latina a sair da crise econômica que os assolava. As novas políticas neoliberais reverteram as conquistas sociais de 1952, ocorrendo privatizações, cortes de gastos públicos, diminuição do papel do estado, entre outras mudanças. Uma das empresas que foi privatizada foi a de água de Cochabamba, somente em 1999, fazendo que o preço da água aumentasse. Isso desencadeou diversas revoltas, a Guerra da Água. Essas revoltas se espalharam por toda a Bolívia. Por volta dos anos 2000, porém, houve uma guinada à esquerda nos governos

latino-americanos. A chamada Onda Rosa trouxe mais atenção aos problemas sociais. Evo Morales foi o representante dessa onda na Bolívia, eleito em 2005. O fato de ele tentar atingir os interesses das classes mais baixas da população o tornou muito popular, o reelegendo mais de uma vez. Uma das mudanças que Evo fez foi refundar o Estado da Bolívia (o Estado Plurinacional), de modo a reconhecer os diversos povos indígenas dentro do país. A maioria dos representantes da onda rosa na América Latina já não se encontram mais no poder, e existem dúvidas se Evo será reeleito ano que vem (2018).



MI PRIMERA INMERSIÓN EN LA BOLÍVIA

Me surpreendeu. Meu reconhecimento dentro daquele espaço geográfico e político não se mensura em palavras ou números. Pela primeira vez, realmente me reconheci latino americana. Durante oito dias, tive a oportunidade de viver em um mundo que parecia ser tão diferente do meu, mas que tinha tantas semelhanças. A mesma desigualdade que eu vejo na zona sul de São Paulo quando passo pela Giovanni Gronchi, eu vi no caminho do centro à zona sul de La Paz.

A viagem foi muito coletiva, tínhamos de estar juntos o tempo inteiro, cuidávamos um dos outros o tempo inteiro. Mesmo estando a todo tempo cercada de companhias, essa viagem acabou sendo outro tanto introspectiva também. Viajar em coletivo, é aprender a lidar com seus próprios complexos, e o dos outros. Os limites estavam sempre a nossa frente, e nós os ultrapassávamos a cada esquina que cruzávamos de La Paz, a cada trilha que enfrentávamos na Isla del Sol, e a cada cem metros que subíamos do Chacaltaya.

A Bolívia deixa transbordar suas

questões políticas e sociais nos pios partidários, nas paredes sem acabamento e no trânsito caótico da cidade. As pixações partidárias eram muitas, com ambíguas opiniões sobre um mesmo presidente. A grande maioria dos miniprédios de La Paz não tem acabamento, por um simples fator, a isenção de taxas de imposto. O trânsito caótico representa a grande massa de habitantes e a desorganização que é a cidade, o caos que é ter muitas coisas juntas e misturadas.

Tive pequenos contatos com culturas que eram muito diferentes de todas que estou acostumada no Brasil, com marcos coloniais muito fortes. Eram muitas culturas e religiões, eu não conseguia diferenciar muitas delas, mas via o quão estavam presentes dentro daquele espaço, e na vida daqueles cidadãos.

Eu sentia que toda a vasta natureza era preservada, mas que de pouco em pouco, acabava sendo sintetizada pelo mundo. Eu olhava a vastidão de “mar” do Lago Titicaca e me sentia pequena, mas com muita gratidão no coração de estar vivenciando tudo aqui-

lo, toda mistura de experiências em uma mesma viagem de oito dias. Ao subir o Chacaltaya, eu me senti bem, senti orgulho de ter superado meus limites e ter caminhado sempre para cima, a cinco mil e trezentos metros de altura.

Caso não tivesse mascado muita folha de coca, não teria entendido o quão essa folha está presente na Bolívia. Entendi que o narcotráfico pode se dizer como uma falha de interação entre o ocidente e as culturas indígenas deste Estado Plurinacional. O cultivo da folha de coca, que atualmente é intensivo, vai contra o princípio do Bem - Viver como modo de desenvolvimento. O cultivo intensivo explora a terra, não cuida, danifica o solo e está se aproximando cada vez mais de reservas indígenas.

A Bolívia é muitas coisas ao mesmo tempo, carrega muita história em um só espaço geográfico. Durante dois meses investiguei a América Latina e principalmente a Bolívia, que recentemente me foi apresentada, por oito dias, e não vejo a hora de voltar e conhecê-la melhor.

Luiza Yoshida

“EVO SI!” - “EVO NO!”

O Estado Plurinacional da Bolívia é cheio de contradições e oposições. Um país cujo povo está dividido, o que pode ser visto facilmente pelas mensagens “Evo si!” e “Evo no!” pintadas nas paredes de cidades como La Paz.

A principal controvérsia atual na Bolívia é a da construção estrada que passará por TIPNIS (Territorio indígena y parque nacional Isiboro-Sécure), uma área protegida que foi declarada território indígena em 1990, cujo projeto ocorreu sem uma consulta prévia. Essa estrada não é benéfica a grande parte dos povos indígenas que vivem no parque nacional, porém, é benéfica ao transporte entre o país e aos interesses

Apesar da construção da estrada mencionada, Evo ainda é uma figura que, como o primeiro e único presidente indígena do país, representa grande parte da população, composta em sua grande maioria por descendentes dos povos que viviam antes da chegada dos espanhóis. Porém, como uma pessoa que representa a população indígena no país, a construção da estrada de TIPNIS é algo muito irônico, afinal, ele irá, com a carreteira, destruir não só o meio ambiente, mas também a moradia de muitos povos indígenas.

Mesmo sendo uma figura simbólica, há muitas críticas a serem feitas sobre Evo, entre elas estando o caso de TIPNIS e o fato de que o seu rosto foi colocado até



mesmo nas embalagens dos alimentos de aeroportos, com o primeiro sendo um ato questionável e o último sendo desnecessário e egocêntrico.

É possível que Evo Morales deixe o poder na Bolívia em 2020, 14 anos após a sua primeira eleição. O motivo disso é que ele tem perdido o apoio da população, o que certamente teve, como um dos motivos, a construção da carreteira que passará por TIPNIS, cujo projeto é uma facada nas costas do povo que se sente representado pelo presidente.

Outra pauta importante atualmente na Bolívia é o acesso ao oceano pacífico, algo que seria benéfica para a mesma e que o país já possuiu no passado. O acesso ao oceano foi perdido para o Chile durante a Guerra do Pacífico. Campanhas que buscam negociar com ou pressionar o Chile para obter uma saída para o mar não são algo recente e tendo aparecido em muitos discursos políticos no passado.

Renan Pesciotto

BOLÍVIA: UMA REDE TECIDA POR PERDAS E FRAGMENTOS

Escrever sobre a Bolívia é mais do que escrever sobre um país da América Latina. É escrever sobre uma história recheada de memórias, golpes, crises, guerras, progressos e retrocessos. É escrever sobre temáticas étnicas e sobre uma nação que luta. Para mim, escrever sobre a Bolívia é, antes de tudo, escrever sobre uma história marcada por fragmentações e divisões: perdas territoriais e perdas de fronteira para o mar.

Ao longo de sua trajetória como país independente, a Bolívia se mostrou extremamente vulnerável, pensando que sua república já sofreu incontáveis golpes e intervenções militares. Os mesmos traziam para a população uma falsa ideia de crescimento porque, na realidade, só dividiam mais ainda o país. Isso tudo só potencializou a desigualdade social, a pobreza e principalmente a instabi-

lidade política – fatores esses que, somados, resultam claramente em um complexo de inferioridade no país.

É importante ressaltar que quando digo sobre fragmentações, digo sobre algo que vai muito além de divisões geográficas e perdas territoriais para o Chile, Brasil, Peru, Paraguai e Argentina; digo sobre o que essas perdas simbolizaram e quais foram as consequências das mesmas. A fragmentação na Bolívia, ao meu ver, transcendeu o âmbito geográfico e se instalou no setor econômico, no plano cultural e nas temáticas étnicas.

A Guerra do Pacífico, por exemplo, retrata muito bem tudo isso que foi dito. A mesma ocorreu entre 1879 e 1883 e envolveu o Chile e as forças conjuntas da Bolívia e do Peru. Tudo começou por conta dos atritos e problemas entre a Bolívia e o Chile, pois

Júlia Salvan

ambos países queriam ter controle de parte do Deserto do Atacama – uma região rica em recursos naturais e usada para exploração de minérios. Isso já mostra uma disputa comercial e territorial entre os países, assim como conflitos de interesse e principalmente de soberania e poder, que acabou levando os países à guerra.

Os tratados que haviam sido assinados anteriormente foram ignorados e os chilenos cada vez mais buscavam expandir seu domínio territorial para ter total controle da indústria da mineração. Em resposta a isso, o atual presidente da Bolívia, Hilarión Daza, resolveu aumentar as taxas cobradas das companhias chilenas que exploravam minério na área litorânea boliviana. Porém, o Chile recusou pagar as taxas e enviou um navio de guerra nessa região, em 1878.



Imagem: Julia Micheski

A Guerra só foi ser oficialmente declarada em março do mesmo ano, no qual a Bolívia quis recorrer ao apoio do Peru. Porém, como o governo peruano já temia a potencia do exército chileno, o mesmo resolveu apenas propor acordos diplomáticos. O Chile, em contrapartida, não aceitou as negociações e resolveu declarar guerra tanto com a Bolívia quanto com o Peru, cortando relações diplomáticas em 1879.

A Guerra do Pacífico teve

um “final” extremamente simbólico, no qual a própria Bolívia teve que se render assinando a trégua e, assim, “doando” todo o controle da sua própria costa pacífica para a potência que era o Chile. A Bolívia cedeu e perdeu não só sua fronteira para o mar – ela perdeu seu horizonte e sua capacidade de olhar a diante.

Esse exemplo só mostra quanto a fragilidade do país em cenário internacional é o resultado e o elemento que contribuiu para uma total

falta de hegemonia que vem sendo vivida no país. E a inexistência dessa hegemonia dá cada vez mais espaço para intervenções e invasões de fora, que por sua vez, resultam nas perdas de território já citadas.

Porém, acho de extrema importância ressaltar neste ensaio, o papel que a população vem desempenhando nesses acontecimentos – tanto os de anos atrás quanto os de hoje em dia (que são reflexos dos anteriores). Vejo cada vez mais as pessoas resistindo e buscando resgatar uma dignidade como nação: para isso, elas vêm se mobilizando a defenderem seu posto e seus direitos como ser humano e como cidadão (cidadão esse que é boliviano e que vive num Estado Plurinacional – de identidade plurinacional).

Por isso que lá, todo dia as ruas se tornam um palco para ocupações, um espaço de luta e de desativação de dispositivos de poder. E andando pelas ruas de La Paz, pude perceber isso: afinal, as paredes falavam e, os pixos, grafittis, lambe lambe e cartazes gritavam.

CAOS

Caos. Essa é ironicamente a palavra que me vem a cabeça quando penso em *La Paz*. Uma fila infinita para o transporte público, um trânsito que não se sentia só nos carros, se sentia também nos corpos que não conseguiam se mover; ou talvez até conseguissem, mas não pareciam ir realmente a lugar algum. É um amontoado de pessoas, um amontoado de cores. Podemos ver quais são elas, podemos ver que são cores diferentes, mas continuam sendo muitas combinações, muitas estampas. É tudo misturado e ao mesmo tempo separado. É uma unidade secular. É lindo. É caótico. É La paz. É Bolívia. Mas me deparo também com a *Isla Del Sol* e a *Isla de La Luna* que vem como oposição a *La Paz*. É claramente outra Bolívia. Entramos em contato com outra forma de viver, percebemos as *Cholas* em um ambiente que parece fazer mais sentido para elas. Não vejo em seus rostos marcas do sofrer

tão fortes quanto via em *La Paz*. Vemos a pluralidade nacional e sinto que a paisagem, essa forma de viver injetou em mim uma nova sensação de paz, como uma droga. É calma. É paz. É sol, é lua. É Bolívia. Percebo *El Alto*. Percebo a zona sul. Percebo as oposições. Um lugar caótico, pobre, necessitado. Um lugar rico, bem cuidado, com sobras. Um lugar polarizado, que ao mesmo tempo sente a falta e não sabe como lidar com o que tem. É contraditório. É injusto. É polarizado. É Bolívia. E, além disso, temos o caminhar de um lugar ao outro. As horas no ônibus, as estradas lotadas de “Si”, as pessoas em um grito unido silencioso pela representatividade, que transbordava em cada parede pichada. É Luta. É Resistência. É Bolívia. Acho que a Bolívia se faz em tudo isso. Ela se faz no ser tanta coisa,

Cecília Sampaio de Burgos

ela se faz no ser claramente cada uma dessas coisas e com o fato de que mesmo que sejam contrárias, elas não se anulam. A Bolívia tem tantas formas, tantos jeitos, tantas lentes. A Bolívia é toda a sua história. É o Evo e o tanto de tempo que demorou para o primeiro presidente indígena subir ao poder num país em que 62,2% da população é indígena. Bolívia é *Tiwanaku* e o encobrimento de toda uma civilização. A Bolívia é cada uma das cores da estampam a blusa da *Chola*, é o amarelo ensolarado, o vermelho intenso, o branco nevado vazio, o preto escuro sem sentido, o verde que respira e o rosa que grita “SI”. É zona sul. É *El Alto*. É *Isla Del Sol*. É *Isla de La Luna*. É *La Paz*. Mas muito mais do que um lugar geográfico, é toda uma cultura social e econômica, na verdade são milhares de culturas se cruzando e formando uma só. Formando isso tudo. É Bolívia. E só por ser Bolívia já é tanta coisa.

A PAZ - UM MUNDO NOVO

Gabriel Ferreira de Bovi

Avivência em La Paz é única e caótica, com diversos fluxos latino americanos sendo expostos a todo momento, transformando a vivência na metrópole boliviana única. Esse caos se dá a partir da organização da cidade, que é a principal do país, tornando-a gigantesca, superlotada e com outras disposições comparadas a São Paulo, devido a seu espaço geográfico. Geografia essa que muda totalmente a forma de ver uma metrópole. O relevo e a altitude dificultam a caminhada e exigem os teleféricos, a gritaria e a sujeira nos deixam alertas e exaustos a todo momento. Essa experiência que fui capaz de viver, alterou o modo como vejo a minha própria cidade, colocando filtros em nosso espaço paulistano e tentando entender cada vez mais como o

São Paulo é alterada por suas condições naturais. Outro ponto extremamente marcante é o comércio e as barraquinhas, que nos mostram uma parte da cultura boliviana através das mercadorias, além de demonstrar um grande foco no turismo. Essa grande quantidade de comércio e a vida de uma grande cidade tornam La Paz um lugar extremamente sujo, onde marcas antigas de sujeiras e lixo são visíveis nas ruas. Na Bolívia, a população é um ponto marcante, o mais marcante! Em cada lugar, em cada esquina, em cada restaurante você vê um traço desse povo que o recebe de forma carinhosa e calorosa, você consegue sentir as causas desse povo que luta tanto contra diversos problemas que o país apresenta, assim como toda a América Latina, tornando a Bolívia e o que ela traz, uma experiência única e incrível, marcante.



Família, em *aymara*, significa união. União com o próximo, com o parente, o vento, a chuva e o sol. União, para mim, é a percepção do outro e o reconhecimento deste outro em seu coração. Nas terras bolivianas, passei junto às pessoas que mais amo 8 dias e 7 noites, onde pude sentir com toda a força a energia dessa união, ou o quer que fosse aquilo que me trazia tão intensamente àquele presente latente. Cada instante na Bolívia foi vivido, foi sentido, foi intensamente descoberto. Envolto naquele misticismo do bruto sentir: as sensações eram vivas a ponto de cada instante captar algo deliberadamente incrível. Até me parecia que qualquer reação que abrangesse mais do que o instintivo sentir era exagerada.

Sei que este texto é apenas um pequeno extrato no tempo: um recorte de memórias de algo permanentemente presente em mim, marcado na alma, no coração, na construção de quem hoje sou, e por isso não almejo, nem sequer acredito que a

semântica permita, que meu texto compreenda a imensidão do que vivi nesse grandíssimo pedacinho de tempo.

A viagem não foi senão apenas uma outra forma de existência. Aliás, se sei de algo que pode me ajudar a definir um pouco mais essa experiência, empresto de Clarice: “Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome. [...] os raros instantes que às vezes consigo de suficiência, de vida cega, de alegria tão intensa e tão serena como o canto de um órgão – esses instantes não provam que sou capaz de satisfazer minha busca e que esta é a sede de todo o meu ser e não apenas uma ideia? Além do mais, a ideia é a verdade! Grito-me. São raros os instantes”. Acredito que toda a viagem passou como um desses instantes.

Mas acho que foi ainda além disso: porque na Bolívia não apenas conheci outras pessoas, mas me (re)conheci. De maneira inexplicável, crua, bruta e natural: não sei descrever o tamanho do sentir. Sei que foi um alvoro-

Isabela Negrão

ço embalado naquele vento gelado e sacudiu muito além dos meus cabelos: voltei da viagem inteira, repleta em mim, como há muito tempo não me sentia. Certo dia, subimos o Chacaltaya. O desejo era tanto, que a força que exalava daquela montanha não era nada perto da força que via em quem estava ao meu lado, e, surpreendentemente, em mim. Nos reconhecemos de tal maneira, por medos, anseios, experiências, sonhos partidos e futuros, que as risadas ecoavam juntas: já não soavam bem quando separadas. Era um riso ritmado, caloroso em meio ao gelo que nem lembrava de sentir. Nunca vi ar tão frio que parecesse tão quente. Subi sem óculos, com os olhos maravilhados (por sorte não cegos) com o tanto de amor que me cercava. Nesse dia entendi o que é família, entendi que ao contrário do que por muito tempo debilmente me apeguei, família é também liberdade: se move constante, com o vento, tem força como a montanha

e como a paisagem pertence a esta união multi identitária, pois existimos numa constante construção móvel, e só por isso, e só assim, existimos.

A própria cidade, imersa em sua loucura, no caos e no acaso característicos parecia moldada para o que vivíamos: tudo estruturado em perfeito desequilíbrio constante. Gosto da Bolívia por esses são ares tão naturais, e mesmo assim tão rebeldes: a cidade ecoa em perfeito protesto, cada muro e cada esquina nos contam mais um tanto de história oculta, de tempo sensível.

Não sei descrever, porque essa

viagem tem uma simplicidade arrebatadora, um traço delicado com 5.400 metros de altitude, e (me) leva em outra dimensão. Aquela desenvoltura pelo mistério, aquela comunhão com a natureza, com o ar que se respira: “o que não pode mais ser contido?”. Voltei de lá mais completa, mais repleta, de mim, por ter tanto de outros para me compor.

Tudo é mistério.

Tudo é conjunto, composto, entreposto atemporal: às “metafísicas do sensível, não parar de dançar”.

Pra mim, a Bolívia é se mara-

vilhar com cada instante. Onde queres um canto, o mundo inteiro. Foi inesperado.

Foi além da percepção, do que sou, do que fui e hoje já sou algo completamente diferente.

Na última noite, depois de todas as outras em que passamos acordados, colorindo o silêncio com o tom de nossos risos, o eco de tudo que sentimos emergiu quase palpavelmente: em cada palavra solta no dizer do que sentíamos, um coração. Um pulo. Um salto na garganta, com direito a cambalhota e alma solta, despreendida, por afeto: *antutaña*: soltar algo que está preso deliberadamente. Tudo isso foi liberdade. Liberdade para amar, para sentir, pra ser, sem fim, na composição intimamente cíclica do tempo, só pra quebrar mais um traço colonial.

É que na Bolívia caminhei no impermeável do mistério: era um presente desnudado, carne crua ao sabor de verdade, cumplicidade: pisando no solo terroso do Estado Plurinacional, mais eu, pois dentro de mim já cabia mais de nós, de tudo: *ajuya*: *alma libre*.

“Esse anseio infinito e vão De possuir o que me possui”.
Manoel Bandeira, 1967.



A SOCIEDADE DA DESIGUALDADE: UM RELATO SOBRE AS DIFERENÇAS SOCIAIS NA BOLÍVIA

Durante uma viagem de campo na Bolívia, pude perceber, entre tantas outras coisas, uma gritante desigualdade social que chamou muito a minha atenção. Neste ensaio, gostaria de especificar com mais detalhes questões que impulsionaram e que continuam alimentando tamanha diferença social.

Falar sobre desigualdade social pode parecer algo familiar, visto que moramos em um país que sofre o mesmo tipo de problema. Porém, presenciar isso em outra cultura evidenciou ainda mais o problema do meu país, uma vez que a desigualdade na Bolívia surge por motivos diferentes. Onde tudo começa.

Diversos grupos sociais cresceram na Bolívia desde a queda do presidente Sanchez de Losada, em 2003. Esses grupos - representando a população indígena, agricultores, esquerdistas, e bolivianos pobres, entre outros - têm preocupações diferentes,

algumas delas conflitantes. Há quem defenda que o modelo político da Bolívia fracassou. Duas décadas de economia de livre mercado enriqueceram a uma pequena parte do país, mas não beneficiaram os pobres.

As reservas de energia do país, que muitos veem como o último grande recurso natural da Bolívia, viraram um campo de batalha na luta pelo futuro do país, mas a maioria dos bolivianos não se sentem beneficiados pelas riquezas naturais nacionais que são imensas.

Os movimentos sociais também ampliaram suas exigências, pedindo reformas na Constituição para aumentar os direitos indígenas, garantir a melhor distribuição de riqueza e restabelecer o controle do governo sobre as reservas.

Além disso, longe do altiplano de La Paz, na região onde estão concentrados os recursos naturais, a elite empresarial luta por maior autonomia regional

Rafaela Brandi Matos

e uma fatia maior da riqueza de gás e petróleo.

Os últimos 20 anos foram de relativa estabilidade na Bolívia. O país vem realizando eleições regularmente desde 1985 e o poder é dividido principalmente entre três partidos - Movimento Nacionalista Revolucionário, Ação Democrática Nacional e Movimento da Esquerda Revolucionária, que juntos somam 70% dos votos. Os três seguiram políticas de livre mercado em uma tentativa de diminuir a pobreza. Todavia, não conseguiram desempenhar a função chave de criar a ligação entre a sociedade e o Estado. Em vez disso, os partidos tradicionais estavam mais interessados em conquistar cargos no governo, o que os deixou com péssima "reputação".

Ao mesmo tempo, enquanto crescia a desconfiança nos partidos políticos, aumentava a confiança em movimentos de protesto, em parte graças à am-

pliação das organizações não-governamentais.

Desde que assumiu o poder em 22 de janeiro de 2006, o líder aimara, indigenista e esquerdistas iniciou reformas para desmontar o modelo anterior que gerou um abismo de diferenças sociais no país.

Com uma nova matriz econômica batizada como "Modelo Econômico Social Comunitário Produtivo", a Bolívia alcançou crescimento entre os anos de 2006 e 2014. Nesse mesmo período, a extrema pobreza diminuiu 15%, e o objetivo agora é reduzir esse número a 9,5% até 2020 e chegar a zero por volta de 2025, quando a Bolívia completará 200 anos de independência.

Quase todas as análises apontam que a origem do "milagre boliviano" está no forte estímulo dado a sua economia pelos altos preços das matérias-primas, em particular do gás natural, que é exportado a Brasil e Argentina. Nos dez anos do governo de Evo Morales, a Bolívia conseguiu, um crescimento econômico e uma redução da pobreza muito grande, apoiada pelas receitas geradas pelo gás, mas agora seus preços caíram como os do petróleo, e isso gerará desafios para os próximos anos.

ENSAIO

Giovana Angelucci

A viagem à Bolívia me trouxe um milhão de pensamentos. As discrepâncias entre os lados favorecidos e desfavorecidos, a maneira como relacionam-se com o outro, a forma como ocupam a sua cidade, como em alguns locais resistem com suas culturas e a exclusão desse país, me criaram enormes questões. Ao visitarmos as linhas de teleférico, pudemos observar como se dão as diferentes realidades bolivianas. No caminho, em poucos minutos, o centro vai ficando para trás. As casas cruas são trocadas, e sua vista é tomada por prédios e construções grandiosas. Os carros são novos. O comércio, diversificado, contrapõe toda a ideia de preservação da cultura que vemos antes. Questiona-se ser o mesmo país.

Todas as ruas, de todas as zonas, são repletas de opiniões e reflexões, respostas, a partir do que o governo propõe para essas pessoas. O povo é, quase que metade-metade. É impossível, observando as intervenções, descobrir o que quer a maioria. Questiona-se qual será o futuro da política boliviana.

Um importante contraste, é a riqueza territorial do país e a pobreza da população. Entende-se que é difícil habitar os locais altiplanos da Bolívia, por razões territoriais, por isso, muitas pessoas vivem

em massa e acabam ficando desempregadas. Pergunta-se: Essa questão depende do grau de exclusão social que vivem os indígenas?

Volto da viagem com a mente sana para desenvolver as minhas questões e entendê-las como aprendizagens para a vida.



BOLÍVIA COMO PLURINACIONAL

Bruna Luraschi

O Estado Plurinacional da Bolívia não conquistou esse prefixo sem muita determinação e esforço, há uma longa história que conta o passado de uma nação construída na base da união e da resistência. Antes da colonização europeia, a região andina boliviana fazia parte do império Tihuanaco (formado por aymaras, quéchuas e chiquitos), em seguida foi incorporado ao império Inca, o maior da era pré-colombiana. A partir das invasões hispânicas, em 1538, o espanhol que pisou em terras bolivianas foi Francisco Pizarro, apoderando-se das terras dos índios que ali viviam, escravizando-os e anexando-as ao vice-reino do Rio da Prata. Por mais de duzentos anos, a região atuou nos interesses espanhóis para o abastecimento de riquezas. Apenas em 1825, o país conseguiu clamar sua independência.

Apesar do país ter conquistado sua liberdade, os anos seguintes não passaram de um estado crônico de revoluções, guerras civis, grandes intervalos de instabilidade política e perda de território. Ainda assim, a Bolívia conseguiu implantar parcialmente um conceito muito invejado pelos demais países da

América Latina: a descolonização do Estado. Por muitos anos, essa concepção da narrativa colonial tem a intenção de criar uma ficção minimizando o outro para poder domina-lo. O modelo proposto distingue entre a civilização e a barbárie, de modo que tudo que não seja proveniente da Europa, ou relacionado a sua cultura, seja considerado como bárbaro e selvagem. Ou seja, a palavra “descobrimto” outrora utilizada para justificar a vinda dos europeus às Américas é apenas um eufemismo para a palavra “encobrimto” do próprio continente invadido, o que evidencia ainda mais o contexto de que é preciso construir a ideia do outro para se reconhecer como maior.

As reivindicações para a constituição de Estados plurinacionais não são novas, procuram o reconhecimento de grupos étnicos possuidores de idioma, de literatura, de costumes e de hábitos diferentes dentro de um Estado nacional. Na América Latina, este processo se iniciou a partir da independência das ex-colônias espanholas após um longo período de guerras, o que deu início à criação de novas repúblicas lideradas ou governadas por

elites (criollos e mestiços considerados brancos) civis e militares, abandonando e discriminando as grandes maiorias indígenas que também tiveram uma grande participação nas guerras da independência até na Revolução Nacional de 1952. O nome “Estado Plurinacional” que acompanha a identificação da Bolívia foi sem dúvida uma grande conquista, entretanto contraditória, uma vez que “Estado” refere-se ao representativo político, nesse caso simbolizando a democracia de consensos individualista e “Plurinacional” significando as diferenças de nações, intercultural e espelhando, assim, a democracia comunitária.

Um segundo paradoxo dessa nação se manifesta no momento que por maior parte dos habitantes da Bolívia serem originários de povos indígenas, seguem uma lógica contrária à europeia de individualidade. Para cultura aymara, a palavra “eu” não pode ser usada, pois o pensamento não é unitário como indivíduo, no lugar deve ser empregada a palavra “nós”, que transparece um sentido comunitário e de agrupamento. A incoerência acontece quando, nessa mesma lógica, ainda existe o sistema de propriedade privada e

do indivíduo entrando em choque com essa teoria. A manutenção do sistema de exploração de mão de obra indígena e o preconceito racial fizeram com que os indígenas criassem uma forte mágoa que deu lugar ao nascimento de uma consciência nacional indígena à procura da sua identidade, no resgate de seus costumes e seus símbolos ancestrais especialmente da nação aymara.

Assim como os indígenas tentaram recuperar sua identidade por meio das organizações sindicais, reivindicando a organização das suas nações ancestrais. Nas áreas urbanas, as populações de origem indígena recuperaram a sua identidade por meio da organização de movimentos sociais e de organizações informais que são consequência da crise econômica. Desta maneira, a partir de 1980 até o ano 2000, iniciou-se um ciclo de mobilizações tanto na área urbana quanto na rural protagonizada pelos movimentos sociais e pelas organizações indígenas de diferentes etnias, deixando de lado ou modificando o movimento do proletariado e do socialismo tradicional por um forte sentimento de nacionalismo indígena, que conquistou o poder democraticamente e levou à presidência da República a um indígena aymara. Este, por meio de uma constituinte, modificou a

Constituição Política da República, criou um Estado Plurinacional Comunitário, reconheceu a justiça comunitária tradicional, adotou a forma de governo democrática, participativa, representativa e comunitária, ou seja, podem ser eleitas ou nomeadas autoridades por normas e procedimentos próprios das nações e dos povos indígenas, conforme a tradição das suas comunidades ancestrais.

Atualmente, as comunidades indígenas originárias são muito reduzidas tanto na parte ocidental (aymaras) e mais ainda na parte oriental (guaranis), a grande maioria da população descendente de aymaras e quéchuas está totalmente integrada à sociedade, participando do desenvolvimento econômico, social e político do país. O comércio, a prestação de serviços, as empresas de transportes, os centros de abastecimento de alimentos e os artigos de primeira necessidade são controlados por cidadãos de origem camponesa, grande parte dos mesmos nem fala mais o idioma originário, o próprio Presidente da República, considerado indígena, desconhece o idioma de seus ancestrais. O que se percebe, por parte dos governos populistas ditatoriais, é um processo de deturpação do processo e da formação do Estado Plurinacional, visto que não há, de fato, uma pre-

ocupação com o reconhecimento da identidade de um povo, que deveria priorizar a luta contra a desigualdade, em um processo de promoção e fortalecimento da dignidade. Infelizmente, a realidade revela que há violações e desrespeito aos preceitos constitucionais do Estado de Direito, impedindo, assim, que haja de fato um processo de cidadania.

Poderíamos considerar a Bolívia, historicamente como um país formado por diferentes nacionalidades, mas, na realidade, o que existe é uma única nação com costumes diferentes, integrada em um só território, a implementação do sistema plurinacional pode provocar enfrentamentos permanentes nas diferentes regiões da Bolívia, criando rivalidades e violentos enfrentamentos entre bolivianos das diferentes regiões. É necessário alertar que esta experiência pode resultar negativa para o desenvolvimento boliviano e para as próprias relações entre os cidadãos de um mesmo país, o importante é tomar consciência de que a participação, a inclusão cidadã e as políticas de reconhecimento das maiorias (de origem indígena) são a melhor forma de transformar o país de maneira pacífica, evitando os enfrentamentos regionais e entre cidadãos de diferentes culturas.

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA

Fui duas vezes para a Bolívia. E nestas duas vezes, as coisas que mais me tocaram foram as travessias, os conflitos no meio do caminho. Nas estradas bloqueadas, na confusão das ruas, ou na travessia do lago. Isso tudo porque a Bolívia é um lugar de travessias, de conflitos e confrontos, de gente que perpassa a gente. Como explicar isso eu não sei. Talvez porque tenha sido um sentimento que era pra ser sentido só pelas pessoas que estavam ali, alunos e professores que se jogaram para um projeto que nos solicitava por inteiro. Então nos tornamos cúmplices daquilo que nos tornou mais humanos do que já somos.

No meio do caminho tinha uma pedra. Então nós paramos de andar, sentamos e ficamos olhando pra ela, e ficamos olhando justamente porque ela impedia que nosso caminho

se completasse, e na verdade, mal sabíamos nós, que se só tivéssemos atravessado a pedra, o caminho não estaria completo. Examinamos, subimos na pedra, descemos da pedra, e perguntamos para as pessoas em volta o que era aquela pedra. Ao final, nos surpreendemos. Nos surpreendemos porque pra cada pessoa, a pedra era uma coisa diferente, assim como era pra nós. Para alguns, as pedras que se espalhavam pelas estradas era uma manifestação política, pra outros, uma perda de tempo, pra outros ainda eram só pedras no meio do caminho.

A Bolívia para mim, é uma grande pedra no meio do cami-

nho, daquelas boas, uma pedra cheia de pedrinhas menores, e então, a cada dia que estive lá, investigava ao menos uma, e com todo o cuidado do mundo, a deixava onde havia encontrado, pois sabia que o que ela significava, independente do que fosse, seria importante para a próxima pessoa que por ali passasse.

Investiguei muitas pedras, e continuo investigando. Espero que nunca me falem pedras no meio do caminho. As pedras bolivianas estão comigo, e vão continuar aqui – na minha mente é claro – e agora continuo buscando pedras no meio do caminho, quais pedras eu já não sei, mas logo devo encontrá-las.

Aurora Bolaffi Pires

*“Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra”*

Carlos Drummond de Andrade

A SITUAÇÃO POLÍTICA ATUAL

Vitor Citro

Evo Morales foi um líder sindical dos cocaleros – agricultores que cultivam a coca, que é utilizada em chás, mascada, segundo a tradição indígena. Ele destacou-se ao resistir os esforços do governo dos Estados Unidos para substituição do cultivo da coca, na província de Chapare, por bananas, originárias do Brasil.

De orientação socialista, o foco do seu governo tem sido a implementação da reforma agrária e a nacionalização de setores chaves da economia, contrapondo-se à influência dos Estados Unidos e das grandes corporações nas questões políticas internas da Bolívia.

Em fevereiro de 2016 foi feito um referendo para decidir se Evo Morales poderia disputar a quarta eleição para presidente podendo então dominar até 2025. Mas os bolivianos disseram No, mesmo com o presidente prometendo diminuir a pobreza.

A oposição tem se mantido contrária a Evo Morales, insistindo em uma sociedade democrática. Outros países sul americanos também têm se colocado contra governos de esquerda, afetando o debate político na Bolívia.

Evo Morales continua acusando os EUA de financiar a oposição ao governo, e insiste que os humildes e trabalhadores devem continuar governando a Bolívia.

Mas o fim da era Morales está próximo, sendo a próxima eleição em 2020, quando ocorrerá uma disputa de projetos e não apenas de poder político.

EVO MORALES, LEGÍTIMO?

Como todos os governantes socialistas do século XXI, Evo Morales chegou ao poder e exerceu-o com base em propostas, ofertas, compromissos, promessas, projetos e políticas, que podem ser postas à prova. Depois de quase onze anos, derrotado no referendo de 21 de fevereiro, Evo Morales desafia o povo boliviano a permanecer indefinidamente no poder e impor o seu modelo ditatorial, o que é, historicamente, uma fraude. Entre os resultados obtidos, a Bolívia está entre os três países mais corruptos da região;



é o segundo produtor de coca e cocaína do mundo; é uma ameaça à segurança e ao tráfico de drogas para todos os seus vizinhos; faz parte das ditaduras do chamado Século XXI, em uma crise econômica crescente; não há imprensa livre, sem qualquer indicação de transparência; tem mais de 1.200 exilados em seis países do mundo, centenas de perseguidos, dezenas de prisioneiros políticos. Evo Morales se vangloria de quebrar o registro de governo por mais de dez anos, sem explicar que para chegar a esse termo cometeu uma verdadeira “disputa criminal”. As pessoas sabem disso e é por isso que o chama de “o governo das mentiras” e querem que saia em breve. Depois de ter imposto sua própria constituição e a violar para continuar sendo chefe de estado, o povo

Luigi Gammardella

disse “não a Evo”, dando-lhe a oportunidade de sair. Mas os ditadores não partem, então Morales agora está tentando outra manobra para se qualificar novamente como candidato na farsa eleitoral que ele montou. Estas são manobras de apoio sindical e movimentos encorajados pela corrupção e pelo poder, com suas autoridades eleitorais e judiciais prontas para corromper, com propaganda nacional e internacional paga, com relações públicas, lobbies e pressões de todos os tipos. É o aparelho da corrupção que trabalha para sustentar a “impunidade” como a única garantia contra a responsabilidade exigida pelos bolivianos. Mesmo que a manipulação ocorra, Evo Morales não poderá se beneficiar porque as condições sociais, políticas, econômicas e internacionais não existem mais. Para Evo Morales é apenas mais uma falsidade e está acostumado a ser bem sucedido, mas para os bolivianos é o limite.

Colégio São Domingos

Associação Cultural São Paulo

Direção

Silvio Barini Pinto

Coordenação Pedagógica / Ensino Médio

Luís Fernando Weffort

Assistente de Coordenação

Carolina Vasconcelos

Corpo Docente

Alaíde Sousa, Alessandro da Silva, Alexandro Pereira, Caio Ferrari, Carolina Mostaro, Carla Paulino, Cosme Marins, Cris Torres, Daniel Souza, Fernanda Sampaio, Guillermo Ordaz, José Matiello, Juliana Pádua Medeiros, Leandro Rosa, Margarete Hungria, Priscilla Nannini, Tiago Lopes, Wagner Dias



COLÉGIO SÃO DOMINGOS

ASSOCIAÇÃO CULTURAL SÃO PAULO

Rua Monte Alegre, 1083 — 05014-001 — São Paulo-SP
<http://www.sdomingos.com.br> — tel./fax - 3676-0488